



RUA LARGA

RECRIAR UNIVERSIDADE ALTA E SOFIA
O DEVER DA MEMÓRIA, O IMPERATIVO DA RENOVACÃO
A UNIVERSIDADE VAI À BAIXA
TURISMO, PATRIMÓNIO E DESENVOLVIMENTO

RUA LARGA

EDITORIAL

Ser Património
da Humanidade - P.05

João Gabriel Silva

REITORIA EM MOVIMENTO

O dever da memória,
o imperativo da renovação - P.08

Vítor Murtinho

OFICINA DOS SABERES

ATUAL

DOSSIÉ - A UNIVERSIDADE

VAI À BAIXA

Uma candidatura

com pessoas lá dentro - P.13

Clara Almeida Santos

Da estética na cidade- P.14

António Barros

Quinhentas mãos que falam - P.18

Helena Faria

Os espaços da moda - P.21

Margarida Anjos Amaro

Experiências Cénicas - P.24

L. Pedro Crisóstomo

Há quanto tempo

não vai à baixa? - P.27

Isabel Campante

IMPRESSÕES

Três horas a pé pela cidade - P.28

Raimundo Mendes da Silva

O porquê da Candidatura - P.30

Nuno Ribeiro Lopes

RIBALTA

RUAS - De Coimbra
para o Mundo - P.34

Clara Almeida Santos

Uma candidatura desenhada - P.35

Marta Poiares

Moradas de uma candidatura - P.37

CIÊNCIA REFLETIDA

Turismo, Património e Desenvol-
vimento - Caminhos nem sempre
paralelos - P.41

Fernanda Cravidão

AO LARGO

ENTREVISTA

Francisco Seixas da Costa - P.46

Marta Poiares

RETRATO DE CORPO INTEIRO

Carlos Serra - P.54

Marta Poiares

CRÓNICA

Vultos da Eternidade - P.60

Gabriel Brandão

CRIAÇÃO LITERÁRIA

Um punhado de medos - P.62

Carlos Portela

LUGAR DOS LIVROS

Monumentos mais eternos
que o duro bronze - P.64

Delfim Leão

APOCALÍPTICOS E

INTEGRADOS

[Escadas Monumentais: Liberdade
de expressão política e a preservação
do património universitário] P.69

Integrado

Uma espécie de arte - P.70

João Rosa Alexandre

Apocalíptico

As Monumentais

como mural político? - P.73

Alexandre Libório Dias Pereira



SER PATRIMÓNIO DA HUMANIDADE

Estamos na fase final da candidatura da Universidade de Coimbra a Património da Humanidade da UNESCO. Em 2013, tudo indica, saberemos qual o desfecho, que espero que seja favorável.

Lutar por este reconhecimento não significa que tenhamos uma visão patrimonialista, isto é, assente na preservação do legado histórico e simultânea desvalorização do esforço de construção do futuro. A UC não pode viver de glórias passadas pensando que elas são suficientes para garantir um futuro desafogado. A História não nos desobriga de nada, antes pelo contrário. Temos, isso sim, a responsabilidade acrescida, em relação a instituições mais recentes, de estar à altura dos que nos precederam, e que souberam manter ao longo de tantos séculos a UC como uma instituição de grande relevância.

Quando a Universidade de Coimbra era, por decisão governamental, a única no espaço de língua portuguesa, essa relevância era mais fácil de demonstrar. Um país sem universidade é um país sem conhecimento avançado, sem profundidade cultural, com muito limitada capacidade para transmitir de geração em geração o saber que possui. Passar de uma universidade para nenhuma seria um passo de tal gravidade que nenhum governo, mesmo pouco sensato, se atreveria a tomar.

Atualmente, existem em Portugal várias universidades públicas, e muitas mais privadas. Se uma universidade desaparecer (como aconteceu recentemente com algumas privadas) há muitas outras para preencher rapidamente o espaço que deixa vago, e Portugal, no seu todo, não fica só por isso pior do que antes. A muito falada reestruturação da rede de ensino superior consiste, na mente de muitos, precisamente nisso: em baixar o número de instituições de ensino superior para adequar o seu número às disponibilidades financeiras do país.

Para justificar a sua continuação, a Universidade de Coimbra tem de utilizar argumentos diferentes dos invocados no passado. Naturalmente, um Governo tem mais dificuldade em fechar uma Universidade velha de sete séculos do que outra que tenha menor idade e um papel muito menos relevante na história do país. Porém, a reestruturação da rede não passa necessariamente pela extinção total: pode corresponder a um emagrecimento que retire algumas das áreas de conhecimento do âmbito de cada instituição. Uma Universidade de Coimbra que trate de poucas áreas do conhecimento atrairá na mesma muitos turistas à Biblioteca Joanina e à Sala dos Capelos, e continuará a ser possível contar a história do

nascimento no Paço das Escolas dos reis da I dinastia, bem como das cortes refundadoras de 1385 ou da chegada do Iluminismo através do Gabinete de Física e do Jardim Botânico.

Os argumentos que temos de poder apresentar agora são os da qualidade da investigação, do ensino, da transferência direta de conhecimento para a sociedade, da internacionalização. Em todas as áreas do conhecimento, temos de estar na vanguarda em Portugal, assim como na fronteira do conhecimento em termos internacionais. É à nossa capacidade de manter a liderança que temos de recorrer para explicar que a Universidade de Coimbra continua a ser, como foi no passado, um espaço de conhecimento sem par em Portugal.

A classificação como Património da Humanidade pela UNESCO aumenta ainda mais a pressão para estarmos na frente. Dando-nos mais visibilidade, ela ajudará com certeza, por exemplo, a atrair ainda melhores alunos – que têm obviamente de encontrar, ao chegar, uma Universidade de referência, virada para o futuro.

João Gabriel Silva
Reitor

06
RL #36 | REITORIA EM MOVIMENTO



O DEVER DA MEMÓRIA, O IMPERATIVO DA RENOVAÇÃO

VÍTOR MURTINHO*

Vivemos no tempo presente a intensidade da valorização quase extrema do nosso parque edificado. Provavelmente, esta é uma reação natural a anos recentes de sobrevalorização da obra nova em oposição à reabilitação do construído. Realmente as políticas europeias de apoio ao desenvolvimento físico das instituições nacionais foram materializadas, preferencial e exclusivamente, numa lógica de implementação de novos e modernos edifícios em detrimento da adaptação e recuperação das construções existentes.

Apesar de não se tratar de uma questão nova, a verdade é que a mesma sociedade que consome freneticamente imagens e informação sem qualquer preocupação de inter-

pretação ou sistematização, denota elevada inquietude com a preservação dos valores patrimoniais herdados das gerações precedentes. Este fenómeno cuja amplitude máxima tem conduzido nalguns casos a situações de verdadeira veneração, tem provavelmente contribuído para que alguns edifícios, não se conseguindo ou podendo adaptar aos usos mais contemporâneos, sejam preservados através de processos que correspondem quase que à sua *criogenização*.

Muitas das vezes, a necessidade de revisitação permanente do passado, baseada em premissas fundamentadas no pressuposto de que o esquecimento é sinónimo de ocultação, incute, na perspetiva da preservação patrimonial, um sabor nostálgico que transforma a memória do monumento em despojo da recordação. Obviamente que é atrativa a possibilidade de revivalismo do passado, de nos transportarmos emocionalmente para tempos idos, para diferentes eras, imaginando a revivescência de experiências anteriores.

Sendo importante a gestão das memórias, a evocação dos acontecimentos, a aproximação à importância do monumento deve fazer-se mais pela sua presença em si enquanto objeto útil e funcional e menos pela sua capacidade de rememoração. Evidentemente que um dos primeiros desígnios de ordem patrimonial de um edifício é a sua significação enquanto elemento identitário. Mas mesmo que ajudando a reconstituir um passado, o edifício deve congrega uma identidade cultural, deve ser reivindicativo, representar de um modo inapelável e soberano.

E, se é precisamente a memória do monumento ou de determinado acontecimento que se pretende avivar, é importante que os artefactos sejam em contínuo atualizados, que passado e futuro se reciclem em permanência através de um presente incessantemente revitalizado e interessante. Os lugares da memória são a melhor garantia contra o esquecimento ou a indiferença, esquecer é inconscientemente ocultar.

Tão ou mais importante que o valor presente do património é o seu valor simbólico e de representação. Tão ou mais importante que o edificado é a história ou as histórias que o legitimam. A notabilidade do edificado gera-se e firma-se sobre o conjunto de ocorrências marcantes em termos descritivos ou narrativos e que consolidam a história de uma instituição ou de um país. No caso nacional, temos ainda o valor acrescentado da autenticidade do construído, pois muitos dos nossos edifícios apresentam formas e sistemas construtivos genuínos, porque foram poupados às derrocadas violentas causadas pelos grandes conflitos mundiais do século passado. Nestes casos, a imagem mítica dos edifícios é abonada pela salvaguarda quase incólume do património.

Infelizmente, sob o ponto de vista simbólico, mas desejavelmente sobre o ponto de vista económico, a adequada gestão do património só se consegue por *marketing* e que, no contexto de mercado, este seja comercializável. Nesta modalidade de assunção do património enquanto valor, suscetível de ser objeto de consumo, este deve transformar-se numa arma de arremesso que balançar

não somente o potenciamento de uma cada vez maior procura, mas sobretudo a implementação de uma estratégia que vise a exaltação dos propósitos e dos fins institucionais a que o edificado constitui pertença.

A atitude de funcionalização permanente do património, dando continuidade à sua história através do desempenho de usos e serviços, é certamente uma muleta inquestionável contra o esquecimento, que protege o edifício da sua eleição a despojo, a espólio ou a um redundante resto mortal. Por outro lado, também devemos separar o património da mera construção que, mesmo sendo histórica deve permitir a revitalização dos recursos, deve deixar que o espaço urbano se regenere, funcionando como uma espécie de palimpsesto que a cada momento se escreve de novo, mas permitindo, quando necessário, a emersão de textos antigos.

A dificuldade consiste precisamente na manutenção do difícil equilíbrio entre o valor representativo do património e a sua conservação enquanto objeto atraente e comercial. Perante a evidência de um valor patrimonial e cultural passado, importa salvaguardar o potencial identitário presente estruturado em usos atuais que limitem a musealização dos espaços, com perda da sua vitalidade e desempenhos funcionais. De algum modo, o tentador exercício de cristalização dos edifícios numa lógica primária de defesa patrimonial pode conduzir à perda da necessidade funcional da construção, transformando-o num ser embalsamado e de algum modo inútil. Nesse sentido, estas práticas de preservação do património

têm implícito um processo de luto. Processo funesto para o edificado, extremamente cerceador de usos futuros, mas provavelmente valorizador imediato da memória do objeto. Este processo de obstrução da utilidade dos edifícios conduzirá temporariamente à sua musealização e à sua transformação em facto mais arqueológico do que utilitário. O processo não é fácil, nem os critérios estão devidamente pacificados, mas intervir no património significa sempre o ato seletivo de troços do passado que devem afirmar e potenciar, com novos artefactos, o porvir. Apenas neste decurso, a *arquitetura* se afirma e se demonstra pela sua autonomia estética.

Em permanência devemos tentar atualizar a função e o desempenho dos usos dos edifícios, evitando diligentemente tornar presente um passado que fatalmente não apresente futuro. A boa arquitetura deve ter sempre subjacente a sua evolução genética, evitando o congelamento no tempo e, dentro de certas limitações, esquivando-se à sua assunção como obra definitivamente acabada. Os edifícios que não se reinventam, que perdem o uso, tornam-se paulatinamente *ruínas*.

O património faz-se conservando, salvaguardando, revitalizando e valorizando os objetos do passado, mas também, e sobretudo, deixando valor no presente para consumo e desfrute nos tempos futuros.

*Vice-reitor da Universidade de Coimbra.

10

RL #36 • OFICINA DOS SABERES DOSSIÊ | A Universidade vai à Baixa

De silogismo disfarçado se ilustra esta História com estórias dentro. Universidade de Coimbra (UC) e cidade de Coimbra encaixam-se e constroem-se mutuamente, sob inegáveis alicerces. Bases concretas e visíveis, que ao longo de parágrafos de uma Candidatura com maiúscula, espelham um dueto que se vem cantando há longos séculos. A ligação entre contexto e instituição, de onde brotou o Património, é tão aberta quanto esta Candidatura. Mais do que um documento, mais do que uma ascensão a reconhecimento maior, toda a palavra incluída ilustra uma fábula que de fictícia nada tem: UC e Coimbra fazem parte da mesma fórmula de adição e o resultado é este que se multiplica, todos os dias, em inúmeras vitórias. Entrelaçam-se os pontos e os contos, construindo-se uma narrativa do que é e do que foi. Nesse intervalo onde mora o sonho, tão pouco encerrado em ruas ou edifícios, nasce, sob olhares atentos, uma Univers(c)idade.

*No man is an island,
Entire of itself.
Each is a piece of the continent,
A part of the main.*

John Donne

MARTA POIARES

Concurso de Montreux, 1.º Prémio: Pastelaria Briosa, Projeto de Orlanda Duarte. Foto: © João Armando Ribeiro, 2012, RL • UC



OUTRAS JANELAS NA COMUNICAÇÃO URBANA

O presente *documento* propõe testemunhar a *operação*: "A Universidade Vai à Baixa" (iniciativa da Universidade de Coimbra, Associação RUAS-Recriar Universidade, Alta e Sofia e APBC-Agência para a Promoção da Baixa de Coimbra, realizada de junho a outubro de 2012).

Resultará este registo num objeto substanciado por abordagens múltiplas formuladas sobre a *social attitude* que aqui se expõe, e que resultou como forma de cidadania participada.

A referida *sensibilização*, não só fez cumprir um olhar atento sobre o Património e sua gramaticalidade, como desafia em si galvanizar um estudo continuado sobre o potencial do *Lugar-Montra* enquanto suporte de comunicação para as razões da cidade.

Uma reavistação aos conteúdos editados (textos de Clara Almeida Santos, António Barros e Helena Faria) no jornal então gerado na cidade de Coimbra: *Gazeta da Baixa* [#0 • 22 setembro, 2012], propriedade da APBC, proporciona elementos fundamentais para um entendimento maior da identidade do programa. Esta iniciativa fez-se enunciar por três componentes/tempos: Formação ["Visual Merchandising | Vitrinismo", VM_V]; Desafio à Criação Temática ["Concurso de Montras"] e uma Sensibilização Sociopedagógica vocacionada para a Geração Emergente ["Montra de Mostrar Sonhos", Proposta-Ideia de António Barros, com a Coordenação convidada de Helena Faria].

O presente *objeto expositivo* convoca ainda uma leitura do Documentário realizado pela UCV_Televisão Web da Universidade de Coimbra (Realização de Milene Santos e François Fernandes) e procura ilustrar a performatividade gerada no segmento oficinal e urbano – lugar que mereceu interventivo contributo das crianças oriundas do *lugar cidade*. Foram estas que – em dinâmicas ativadas na *escolaridade* e tempos conexos –, operacionalizaram um programa de *requalificação* imagética das montras das lojas devolutas [http://www.ucv.pt/ucv/media/documentario-montra-de-mostrar-sonhos/embed-player?w=560&h=315]

Visitando a Newsletter da Universidade de Coimbra, número de setembro de 2012, edição da Divisão de Identidade Imagem e Comunicação da UC (DHC_UC), vemos como o domínio: "Objetiva", nos contempla com uma *Galeria de Imagens* (cortesia de Augusta Vilalobos), observação do terceiro momento deste mosaico, *escultura social* que deu rosto à iniciativa [http://www.uc.pt/noticias/newsletter/092012/galeria_F/galeria_objectiva]

Complemento desta constelação de referentes que formulam este Dossiê, são os Depoimentos: Os Espaços da Moda • *Creativo Lab* – "É preciso fazer sapatos com estilo!", numa leitura de Margarida Anjos Amaro; "Experiências Cénicas", por Luis Pedro Crisóstomo e o Testemunho Fotográfico de João Armando Ribeiro (três dos sete Formadores em VM_V). Todo o Design de Comunicação editado foi assinado pela DIIC_UC.

Trabalho consequente, já sintonizador e emissor de *colateralidades* múltiplas, "Montra de Mostrar Sonhos", é um programa que agora se apresenta numa candidatura à "European Union Prize For Cultural Eritage/ Europa Nostra Awards 2013".

UMA CANDIDATURA COM PESSOAS LÁ DENTRO

CLARA ALMEIDA SANTOS*

A candidatura da Universidade de Coimbra (UC) a Património Mundial é, formalmente, uma candidatura material. Quer isto dizer que se procura o reconhecimento por parte da UNESCO da relevância para a humanidade de um conjunto patrimonial que cumpra pelo menos um dos 10 critérios de seleção previstos pela organização.

Mas na própria designação da candidatura "Universidade de Coimbra, Alta e Sofia" está inscrito mais do que um conjunto de edifícios. A Universidade, que iniciou o processo de candidatura em 2004, optou por não avançar a solo. Fez-se acompanhar dos segmentos da cidade onde nasceu e onde cresceu: a Rua da Sofia, que deve o seu nome à sabedoria que habitava os vários colégios situados nessa artéria que rompia com o urbanismo medieval do século XVIII, e a Alta, território singular que abraça o pólo I da UC.

Ao ligar-se desta forma ao espaço, a candidatura mostra que não está encerrada nas pedras dos edifícios, por mais válido que este desígnio pudesse já ser. Conhecimento que a Universidade faz circular– ou não fosse a transferência do saber uma das missões que os seus estatutos consagram – é projectado para extravasar as suas paredes. Tem de estar na rua. Nas ruas. E RUAS – sigla para Recriar Universidade, Alta e Sofia – é também a sigla da associação que gere anualmente a candidatura.

Por isso, levar a candidatura às ruas da cidade faz todo o sentido. E não apenas às ruas incluídas na zona candidata. A candidatura, sendo também do conhecimento, tem de se dar a conhecer. E estando nas ruas chegará às pessoas.

Várias iniciativas no âmbito da candidatura têm tido essa preocupação. Nesse momento de lançamento da "Gazeta da Baixa", destaca-se o conjunto de três momentos designado como "A Universidade vai à Baixa". Foram então realizados, numa parceria entre a Associação RUAS e a Agência para a Promoção da Baixa de Coimbra, um curso de visual merchandising e vitrinismo, um concurso de montras alusivas à candidatura e um desafio a 200 crianças da cidade para ocuparem as vitrinas de lojas devolutas no eixo Portagem-Rua da Sofia com os seus projetos para Coimbra, atividade a que se chamou "Montra de mostrar sonhos". A Universidade na Baixa foi, acima de tudo, uma experiência que prova que os projetos com pessoas lá dentro são os que mais valem a pena.

No decurso da "Montra de mostrar sonhos", constatou-se que uma ou outra das crianças envolvidas, nascidas e criadas em Coimbra, nunca tinham ido à Baixa. Agora, todas foram. E, conhecendo, pela primeira vez ou um bocadinho melhor, todas têm melhores condições para amar, promover e preservar.

* Vice-reitora Cultura e Comunicação



DA ESTÉTICA NA CIDADE

ANTÓNIO BARROS*

Requalificar os referentes enunciadores do lugar mostra fazendo-o transitar para a condição de novo espaço de contemplação, foi um dos princípios norteadores da "operação" que aqui se enuncia.

O potencial imensurável de um suporte urbano como é uma mostra, a sua condição física e a proxémica que estabelece com o utente circulante nas plurais ágoras da cidade, faz da mostra um objeto de potencial excelência comunicacional. Este tempo de revisitação da mostra e do que a define, conceptualiza novas consciências para a dimensão contributiva que estas janelas da cidade para o mundo, e do mundo para a cidade, nos podem, hoje, e no devir do tempo, fazer contemplar.

Uma mostra convoca narrativas de diferentes temporalidades, e transporta condição para resultar num emissor de potencial elevação para ditar múltiplas razões temáticas através de diversos media e modos de afirmação.

Poderemos olhar a mostra como um lugar palco (enunciador de narrativas cénicas plurais, conjugando saberes da cenografia e do espaço numa teatralidade nada sedentária), mas pode este lugar, potencialmente mágico, ser também a moldura volumetrizante da fotografia que se diz na arte ou em fashion design. Mas a mostra pode ser ainda, hoje mesmo, o tablet gigante que nos acompanha numa circulação na urbe.

Revisitando McLuhan, visionário da(s) "janela(s) para o mundo" (essas que resultaram reféns da convulsiva excursão tecnológica que hoje nos assalta e acompanha), descobrimos como as "janelas" montras devolvem (poderão/deverão devolver) uma humanidade saudavelmente poética às performatividades da, e nas ruas da cidade. Resultarão, assim, a afirmarem-se nas envolverias de um desenho distintivo que busca uma maturidade concertada.

Foi para aproximar os diferentes atores intervenientes na cidade (os emissores a partir dos seus "pontos de venda" e os utentes consumidores de um produto particular), que procurei arquitetar uma Ação de Formação¹ transversal a diferentes disciplinas e áreas vocacionais – as que trabalham a afirmação visual conjugando diversas verbalidades da Imagem, e as do sentido semiótico e operativo, convocando, em si, razões da Cultura.

Resolvendo a "Estética da/na Cidade" galvanizam-se, neste limbo, plurais modos de contribuir para a auto-estima de uma comunidade capaz. Proporciona-se, de uma forma anímica, a criação contaminante de ferramentas terapêuticas contrariando a depressão do lugar. A sociedade deve cultivar o seu desenho de alma, pois é esse um motor de excelência para a construção de uma Identidade emancipada numa sociedade que se assume.

Domínios múltiplos de estudo apresentados no propósito de tornar este processo tangível, foram os que circunscreveram a exposição de matérias como as inscritas em: Experiências cénicas - Working Process/Sketch: "L. P. Crisostomo Works - Robert Wilson Collaborations" e "The White Raven" (Teatro Camões, Portugal, 1998).

Luís Pedro Crisóstomo (Universidade de Veneza; Universidade de Budapeste) sublinhou, editando nesta Formação, momentos do trabalho que vem desenvolvendo desde 1994 na área da arquitetura, cenografia e instalação. São obras criadas em nome próprio, e em colaboração com Elias Torres, João Mendes Ribeiro e Enric Ruiz Geli com quem trabalhou na produção cenográfica: "Dantons Tod" para o Festival Internacional de Ópera de Salzburgo, dirigida por Robert Wilson em 1998, como ainda em; "O Corvo Branco", com direção também de Wilson para a Expo 98 em Lisboa.

Na continuidade destas exposições formativas, e para dar rosto a esta constelação cénica, poderíamos ter convidado múltiplas e diferenciadas ações narrativas colhidas em geografias distantes, mas a eleição da qualidade celebrada orientou-nos para um lugar bem nosso – um assertivo exemplo luso: "Creative Lab "Assinado por Tenente" (objeto concreto de exposição comissariado pelo criador português José António Tenente no Museu do Design e da Moda de Lisboa/MUDE, 2010) com apresentação de Margarida Anjos Amaro (Columbia University; Fundación Instituto Universitario de Investigación José Ortega y Gasset, Madrid). Esta Semióloga da Moda mostrou como o espaço e a moda são entidades semióticas que interagem com os signos do mundo e moldam o quotidiano por uma reflexão sobre o passado e um questionamento do futuro.

"Com os seus espaços próprios e de natureza diversa – dos

espaços de criatividade aos espaços de fabrico e confeção, os espaços de desfile e passerelle, os espaços da vitrina e venda, os espaços de exposição e memória – a moda está na rua e em praticamente todas as instâncias de sociabilidade do nosso quotidiano, e à escala mundial cria laços políticos, económicos, sociais e culturais, e propicia uma permanente circulação de imagens pelo mundo fora".

Foi aqui, nesta exposição centrada numa análise aturada sobre a articulação entre o campo semiótico do espaço e o campo semiótico da moda, considerando o desfile como o acontecimento central, e o espaço de celebração e consagração da moda pelo olhar do público, que esta Formação se fez também enunciar.

Figurativa condição para zelar pelo bom resultado da Imagem, é também a razão contributiva e apelo com que a Fotografia nos formula um cenário expositivo.

João Armando Ribeiro (Ar.Co • Centro de Arte e Comunicação Visual, Lisboa) formulou, numa performatividade consequente, um enquadramento do fenómeno da moda e como esta vem a ser recriada pelos diferentes olhares expressos na obra de conceituados autores. Fotógrafos como Jurgen Teller, David LaChapelle, Peter Lindbergh e Ellen von Unwerth, são alguns dos nomes que ocuparam a galeria.

Um nome de marca convoca saberes conclusivos sobre os modos da sua afirmação, e é o Design de Comunicação quem transporta a dominante desses indicativos. Proporcionou-se assim, nesta Formação, uma conjugação de saberes e competências, viabilizando assim uma abordagem integrada para um entendimento fundamental da temática da marca nas diferentes áreas de conhecimento que a sua compreensão convoca. Da semiótica ao marketing, o que distingue uma marca de um produto.



6



7



8



11



12



13

R U A V I S C O N D E D A L U Z

R U A F E R R E I R A B O R G E S

6: *Estilus* • Creche / Jardim de Infância da ANIP,
7: *Charles* • Casa da Criança Maria Granado da Fundação Bissaya Barreto, 8: *Almedina* • Casa da Criança Rainha Santa Isabel da Fundação Bissaya Barreto, 9: *Romeu* • Cáritas Diocesana de Coimbra – ATL Montes Claros



9



10

10: *Bdesign* • Jardim de Infância Serviços da Ação Social da Universidade de Coimbra, 11: *Salsa* • CASPAE, 12: *Almedina Livraria* • Atelier de Expressão Plástica, 13: *Romeu n.º 84* • Atelier de Expressão Plástica

António Barros (Facultat de Belles Arts – Universitat de Barcelona), expôs uma análise de casos de excelência centrados na obra de Claret Serrahima no Musée d'Art Moderne Céret, França, e na Bienal Iberoamericana de Diseño - BID_07, Matadero Madrid, Central de Diseño, DIMAD-Asociación de Diseñadores de Madrid. Fundamentação de conceitos dos desígnios do Design a partir da experiência de investigação com Tormo i Ballester (UB) e com Wolf Vostell no Vostell Fluxus Zug_Das Mobile Museum_Kunst Akademie, em Leverkusen, foram também expostos.

Neste alinhamento que estuda os desígnios da condição: Identidade-Comunicação-Imagem, partimos da exposição de um investigador cuja tese de doutoramento é a "Imagem Pública da Universidade Portuguesa". Vicente Serrano (Faculdade de Ciências e da Comunicação, Universidade de Vigo), sensibilizou para a importância da Identidade Visual e das variáveis de Comunicação que envolvem o Merchandising e as Promoções na formação da Imagem do Espaço Comercial. Aqui estudaram-se os factores determinantes para a construção de uma imagem pública positiva.

Para formular um entendimento sobre o Visual Merchandising como ciência, ou como arte e suas tendências, Liliana Baptista Gonçalves (Escuela Superior de Arte y Design-Ártidi, Barcelona; Universitat Pompeu Fabra, Barcelona), revela como a montra é a primeira imagem do comércio e parte integrante da paisagem urbana. Procurando as inerentes transversalidades, sublinha como "a conjugação da arte com a ciência acontece no interior da loja, onde o Visual Merchandising conjuga uma série de técnicas de colocação e apresentação do produto que não só potenciam as vendas mas recriam ambientes e atmosferas apelativas".

João Falcão de Lima (Consultor de Imagem e Layout de Marca. Investigação e Formação sobre Estética da Montra) dirigiu o "Laboratório de Imagem - Oficina". Aqui zelou por proporcionar conhecimentos e a destreza necessária para a criação e realização de montras, show-rooms e espaços cénicos expositivos combinando os múltiplos elementos adereçantes que o lugar da celebração convoca. A Formação dirigiu-se ainda para a realização de exposições temáticas em diferentes áreas de preocupação e identidade de um produto, marca ou evento.

Estudar o Genoma do Lugar-Cidade, proporcionando uma oportuna inclusão de referentes da anatomia da cidade, dos seus componentes semânticos e históricos, como o rosto das suas raízes, foi matéria também exposta. Nesta contextualidade, os utentes da Formação passaram a elaborar uma consciência concertada da Cidade e a sua origem, fabricando um sentido mais sólido para um saber sobre o Lugar, reforçando o gosto pela Cidade e sua auto-estima. Gostar da Cidade. Amar a Cidade, zelando contributivamente pela qualidade da sua Imagem. A Imagem das ruas e seus envolventes expositivos – da montra à conservação do alçado

do próprio edifício. Todo um rosto (tantas vezes Património) que se exalta como valor maior graças à dinâmica conjugada das montras contemporâneas em diálogo com a narrativa dos valores patrimoniais. Esta vitalidade ganha na Formação, complementou-se com a Visita de Observação e Estudo identitário da Cidade formulada à "Torre de Almedina - Núcleo da Cidade Muralhada" e "Museu Municipal - Edifício Chiado" (lugar berço dos Grandes Armazens do Chiado em Coimbra, e espaço operativo desta Formação) por Berta Duarte, Diretora da Divisão de Museus da Câmara Municipal de Coimbra.

Montras com Edição Temática

Fabricar uma narrativa partilhável, é razão feliz para a motivação que agora nos chega: "Universidade de Coimbra, Alta e Sofia", titula a Candidatura a Património Mundial – World Heritage Nomination. É este, o nome com que a Universidade e a Cidade se apresentam, sempre "como uma pertença de todos", propondo-se galvanizar uma força anímica no devir de novas temporalidades para o "território em que se enraíza, e a geografia onde se movimenta". Um diálogo envolvente e transversal, trabalha aqui uma motivação pretensamente revitalizadora do Viver na Cidade. É nesta contextualidade que se tornou imperativo uma escrita da, e para a Candidatura, fazendo-a surgir inscrita também nas montras da Cidade. Será um desafio à prática criativa enunciando, deste modo, uma conjugação dialogante e partilhada: Univer(s)cidade. Como um dos programas de agilização deste conceito, e forma viva de fazer nutrir estes propósitos, nasceu a iniciativa: "A Universidade Vai à Baixa".

Parte integrante desta realização social foi a dinamização de um "Concurso de Montras", dando uma outra vitalidade à temática aqui exposta: o fazer do Lugar, um Lugar "Património Mundial" da, e para a Humanidade. Forma contributiva de proporcionar condições operativas (catalisando uma criatividade motivada), foi a atitude de antes fazer disponibilizar e partilhar saberes. E o modo para o conseguir, um dos ativados, foi dinamizar uma (a já aqui exposta) "Ação de Formação" dirigida aos cidadãos agentes comerciais da Baixa da Cidade de Coimbra. Mas entendamos esta, também, como modo de fazer habilitar esta comunidade particular para uma melhor resposta no resolver as suas montras e a "estética da cidade".

Pretende-se desta, assim, uma ação pedagógica consequente, logo contaminante, fazendo galvanizar novas e outras iniciativas, e estas, a um fazer contemplar os diferentes lugares da Cidade que não apenas o presente eixo sinalizado (Portagem, ruas Ferreira Borges e Visconde da Luz, Praça 8 de maio e rua da Sofia) – eixo este que se apresenta como exercício primeiro para a experiencição.

O "Concurso de Montras" inscreveu 25 personalidades autoras a competir, 12 delas inscritas no eixo sinalizado (Portagem-Sofia), com expressão sensível no interesse revelado pelos utentes da Formação que nesta Operação dinamizámos².

"Para Coimbra ser Mundial"

[Ricardo, 8 anos]

"Uberall lernt man nut von dem, den man liebt" (Em todo o lugar [e circunstância] só se aprende de quem se gosta), disse o poeta alemão Johann Goethe.

Gostar é verbo motor de dinâmicas pretensamente galvanizáveis, mormente quando está latente, nessa conjugação empática, a mutualidade: Cidade/Universidade; Universidade/Cidade.

Há aqui, em todo este corolário, uma condição gregária primeira para um gostar do Lugar, mas gostar é já em si, na sua escrita e performatividade, um compromisso potencialmente sinergizante de uma Marca de Cultura. De um devir valorativo para uma nova e elevada condição de Vida. Gostar da Cidade. Amar a Cidade e os seus Valores, é o verbo a conjugar. Vivenciando.

Não há melhor agente para nos contemplar com ensinamentos inédidos (ancorados à frescura do conceito do "gostar") do que uma criança.

Esta população – sujeito próprio de uma geração emergente – traz através das suas narrativas, mormente as plásticas, um imaginário e uma força anímica inenarrável, ou só narrável através de expressões sensoriais bem puras, onde, a partir daí, os sonhos e as vontades luminosamente se enunciam.

Aqui, neste novo Eden multicolor, são fundamentalmente as crianças quem ensina o devir do mundo.

Ao gostarmos delas, aprendemos com elas a pureza do seu querer, o seu saber intuitivo tão oportuno. Aprendemos com as crianças durante a nossa missão ensinante, nessa musicalidade fantástica, pois "só se aprende de quem se gosta". Com quem se gosta. O que se gosta. Gostando do Lugar-Cidade e quem o habita. (Tudo neste saber, que obriga aprendê-lo com Gothe. Colhendo o seu vítreo ensinamento).

Poderemos considerar esta estratégia poética – a de levar-nos a gostar (de novo) da Cidade –, como um exercício lírico pretensamente contaminante: num apre(e)nder sem esforço, um levar a Cidade a gostar da própria Cidade. Urge gostar da Cidade disponibilizando-nos para essa Missão sem convocar paternalismos. Sem complexos. Libertando-nos. Fazendo, com determinação, acionar uma emancipação convulsiva. Foi, e é esse, o espírito da escultura social: "A Universidade vai à Baixa".

Na Cidade, 200 crianças (inscritas em 13 grupos, dos 3 aos 11 anos, oriundas de Infantários e ATLS de 8 Instituições, e ainda "Ateliês de Expressão Plástica", urbanos e de acesso livre, conduzidos por Educadores e Animadores especializados), prepararam dispositivos cénicos para num tempo definido (22 a 29 setembro, 2012) e de modo perecível, vestirem as montras da Cidade.

São alvo as montras de lojas que neste momento se encontram devolutas, em remodelação, ou aguardando novas oportunidades comerciais ou outro projeto de negócio. Ditam estas crianças (com as suas pinturas e textos que relatam as opiniões colhidas durante a Operação) o seu conceito e desejo de Cidade. A Cidade do seu futuro. Um futuro que começa a ser já hoje, esse hoje onde estas crianças se manifestam, com orgulho, o gosto por serem já reconhecidas como participativos cidadãos com voz. Agentes intervenientes e interventivos na requalificação da Cidade. De uma Cidade em candidatura para zelar pelos seus valores de identidade e património. Como disse uma das crianças, na sua euforia (que queremos contaminante): "para Coimbra ser Mundial!".

Uma Coimbra que tenha a capacidade de se renovar e reinventar. Uma Cidade que, formulando uma convulsiva autoscopia, se reabilite como o olhar onírico da criança que é capaz de narrar perante a sapataria encerrada: "os sapatos perderam a moda! É preciso fazer sapatos novos com estilo! Ou então fazer uma loja de guloseimas, com muitos bolos, cupcakes, chupas e rebuçados".

Pretende-se desta Operação: "Montras de Mostrar Sonhos"³, aqui apresentada em momento primeiro, um lugar iniciante –justo gesto a honrar o caminho e o sentido lançado por Almada Negreiros – "Começar".

Pretende-se que esta vivenciação sociopedagógica resulte consequente. Que venha a gerar novas e outras performatividades convocando outras temáticas expositivas ⁴.

Mas pretende-se também que esta coleção multimodular resulte numa constelação de elementos revisitáveis, apresentando-se como um todo escultural num segundo tempo (e tempos colaterais).

Assim, num espaço aberto, voltaremos a edificar todas estas peças (expressão plástico-textual dos diversos grupos participantes) como um puzzle que ganha uma forma de instalação, lugar habitável, ou labirinto. Aí, crianças e formadores irão (re)encontrar-se num fórum de partilha, festividade e construção de confiança para uma continuidade dialogante, sempre operando sinergias que gerem galvanizações para uma rede de ideias e práticas em convulsiva renovação. Mas o potencial do suporte montra não se esgota na exploração que aqui se infere com as vozes e gestos da infância.

Uma montra pode resultar também num lugar de difusão programática de outras atividades culturais, e de modos diversos, ser agente de uma sensibilização para a cidadania. As montras devolutas (e não apenas enquanto devolutas, mas depois e progressivamente ativas) podem ser um lugar de celebração e sensibilização para uma visita aos museus, ou uma orientação de caminho para os lugares de interpretação histórica do património classificado. Pode uma montra contribuir para um eficaz Turismo Cultural, dando brilho a eventos, assim como visibilidade e vida aos saberes da Cidade. Passeando nos diferentes lugares da Cidade, e ao observar uma peça de coleção (ou fac-simile), o cidadão utente

sente-se motivado a deslocar no sentido de uma visita mais aturada. Sente-se convidado a seguir em busca de um estudo maior da, e sobre a Cidade.

O momento é crítico e de crise. Mas essa amargura da realidade não legitima lançar a Cidade à letargia do desencanto e ao abandono do lugar. Há que contrariar a depressão. "Fazer da fraqueza uma força", Paul Valéry ³.

* Diretor Criativo, Divisão de Identidade, Imagem e Comunicação da Universidade de Coimbra.

¹ A Formação estruturada em dois domínios operativos: Temas Científico-Tecnológicos e Laboratório de Imagem-Oficina, mereceu o interesse de 60 candidatos para 24 vagas. Com sete Formadores, com experiências colhidas em Universidades de várias cidades como Veneza, Budapeste, Barcelona, Madrid, Vigo, Lisboa, Porto e Coimbra, desenvolveu-se, entre julho e setembro de 2012, nas instalações do Museu Municipal Edifício Chiado e Serviços Educativos conexos, na cidade de Coimbra.

² 1.º Prémio: *Pastelaria Briosas* – Orlando Duarte; Menções Honrosas: *Fernandes Oculista* – Ana Rodrigues, *Casa dos Enxovais* – Jorge Machado; Louvores: *A Brasileira, Ana Medeiros* – Ana Teresa Rodrigues, *Coisas & Sabores* – Maria de Lurdes Matos, Rute Eduarda Costa; *Decorações de Coimbra*; *Rapaz Maria* – Maria da Conceição Braz

³ Helena Faria (Educatora, Mestre em Análise Textual e Literatura para a Infância), coordenou a Operação a partir de um "Projeto-Ideia" de António Barros.

⁴ Cumpre-me, enquanto mentor do projeto, agradecer os contributos pedagógicos de Lúcia Santos e Maria Augusta Nascimento, como também a colaboração operativa de Laurindo Rodrigues da Fonseca, Rita Vilalobos, Sofia Augusto, Fabiana Faria, Eduardo Mota, Mafalda Henriques, Hugo Ribeiro, António Sérgio, Tiago Carvalho e Alberto Silva.

⁵ Paul Valéry, Doutor Honoris Causa pela Universidade de Coimbra, 1937.

QUINHENTAS MÃOS QUE FALAM HELENA FARIA*

Uma boa ideia é como o ovo de Colombo. Depois de alguém a ter, é fácil. Mas antes disso, a coisa parece impossível.

A partir do seu olhar atento, o António foi o mentor: aproveitar as montras das lojas devolutas (das ruas Ferreira Borges, Visconde da Luz e Sofia) para dar voz a alguém que nunca tem voz, mas que é, em si, o futuro: as crianças. Amei a ideia. Agarrei a ideia como se fosse minha. Acreditei nela e em todo o seu potencial. (Acreditar é um verbo imprescindível para a realização de qualquer projeto.)

Quis transformá-la em vida. Em coisa a acontecer. Em coisa concreta.

Agora era preciso arranjar uma estratégia para pedir a treze grupos de crianças – tantos quantos as lojas devolutas – que olhassem, sentissem, observassem, comentassem e sonhassem a cidade em que vivem. E depois criassem telas pintadas acerca do que nela mais gostam e do que gostariam que aí existisse. Foi necessário procurar e convidar esses grupos. Trazê-los para dentro da ideia tal como tinha sido concebida: que as crianças fossem as protagonistas deste projeto, porque acreditamos que as crianças são pessoas competentes.

O acompanhamento do trabalho dos vários grupos, durante um período entrecortado com férias e com alterações de equipas nas instituições, tornou-se muito absorvente e, simultaneamente, muito cúmplice. Foi clara a vontade que as crianças tiveram em ajudar a “fazer Coimbra mundial”; foi sincera a simpatia com que as responsáveis pelos

grupos iam mostrando os trabalhos em execução; foi estimulante e enriquecedor constatar que, durante um verão, cerca de duzentas crianças – acompanhadas por meia centena de adultos – viveram Coimbra com outra forma de olhar, com outra vontade de conhecer o espaço que habitam e que nelas habita. Foi emocionante observá-las como alguém que participa em algo grande, mesmo sem se aperceberem da grandeza do que estavam a construir.

Estas crianças visitaram espaços da cidade como quem vê pela primeira vez. Seguiram mapas. Procuraram tesouros. Marcaram os tesouros nos mapas. Viajaram de autocarro e a pé. Conheceram becos e calçadas. Tiraram fotografias. Escolheram e pensaram. Registaram em papel e em pano. Tal como o Jardim da Manga também, inicialmente, foi desenhado num pedaço de pano.

Falaram porque foram ouvidos. Falaram porque lhes foi pedido. Porque quisemos pôr em prática a Pedagogia da Escuta. De certeza que este projeto contribuiu para a educação cívica destas crianças. De certeza que contribuiu também para elevar a sua auto-estima como cidadãos do mundo, como habitantes de Coimbra e como fruidores da Baixa.

De certeza que hoje existe mais um menino conimbricense de 10 anos que já foi à Baixa... pela primeira vez... este Verão.

* Educadora de Infância, Coordenadora de: "Montra de Mostrar Sonhos".



ATELIÉ DE EXPRESSÃO PLÁSTICA, ANTIGA LOJA ROMEU FOTO: © JOÃO ARMANDO RIBEIRO, 2012, RL • UC

Este texto, chamado **Apontamentos**, pretende servir de mote para os grupos que realizaram as telas da **Montra de Mostrar Sonhos**.

Apontamentos é uma coisa inacabada, é um guião, um ponto de partida, um avivar da memória.

Um espaço onde podemos falar. Falar de outra forma. Construir as palavras e os signos com que queremos expressar a realidade onde vivemos – a cidade.

A Cidade

Quem é a cidade? Onde é a cidade? O que tem a cidade? Como é a cidade? De que é feita? Pedra, madeira, betão, plantas? Tem cor? Tem luz? Tem sombra? É velha, nova, limpa, clara, suja, feia, quente, simpática? É cheia, viva, alegre, aterradora, acolhedora? A cidade deixa brincar nas ruas? A cidade dá espaço para todos? Para as crianças, para os velhos para os adultos? A cidade fecha ou a cidade abre? A cidade é infinita ou tem fronteiras? Onde são as suas fronteiras? São invisíveis ou são um fio de tear, de tecedira, de Ariadne? A cidade é labiríntica? Perdemos-nos nela? Com amor e paixão? Ela é sedutora ou tenebrosa? Atrai ou repele? Qual é a velocidade da cidade? Caracol ou gazela? Como é o seu movimento? Como é o mapa do seu movimento? Como é o seu mapa? Tem largos? Tem becos? Como é o cheiro da cidade? (um dia um amigo estrangeiro disse-me que a minha cidade cheirava a mofo...) Como é o som da cidade? Tem silêncios? Acordes, melodias, tambores...

A Opinião

O que gostamos na cidade? O que não gostamos na cidade?

O Sonho Inesperado

O que gostaríamos que a cidade tivesse? O que gostaríamos de viver na cidade? O que gostaríamos de ser e de poder ser dentro da cidade? O que queremos da cidade? Como queremos mudar a cidade?

O que gostaríamos que existisse aqui? Neste espaço, nesta rua, nesta vitrine? Nesta textura, sobre este chão, embrulhado com este ar e este cheiro?

Construção

Em vidro de montra. Vidro – espaço de manifesto. Vidro – espaço liso, frio, incolor. Transparente. Vidro – garrafa de vidro – portador de mensagem.

Um futuro inventado, inventariado, projetado a partir de um presente físico e concreto.

A cidade concreta, a cidade em falta, a cidade sonhada. Quem fala? “Oradores plásticos” com menos de 18 anos irão construir uma narrativa visual em camadas diacrónicas – proposta de trabalho. Dar uma classificação etária aos “oradores plásticos” pretende somente lembrar que são aqueles que ainda não votam. O projeto não pretende englobar adolescentes. • HF



Casa da Criança Ramilha Santa I. Sabóia, Fundação Bissaya Barreto, antiga loja A Elegante. Foto: © João Armando Ribeiro, 2012, RL • UC

OS ESPAÇOS DA MODA MARGARIDA ANJOS AMARO*

CREATIV LAB «É PRECISO FAZER SAPATOS NOVOS COM ESTILO!»

Face ao repto de apresentar uma reflexão teórica acerca dos espaços da moda sob o lema «A Universidade vai à Baixa», iniciativa da Reitoria da Universidade de Coimbra em parceria com a Associação RUAS e a Agência para a Promoção da Baixa de Coimbra, no quadro da Candidatura «Universidade de Coimbra, Alta e Sofia» a Património Mundial, e diante da oportunidade de colaborar, tal tradutor em território *fronteira*¹, numa ação concertada de saberes híbridos, expressa em três momentos — Curso de Visual Merchandising | Vitrinismo, Concurso de Montras, «Montra de mostrar sonhos» —, foi em ensejo de diálogos profícuos, geradores de uma narrativa transversal, que rapidamente nos envolvemos numa tessitura cuidada, estruturada e trabalhada ao pormenor pelo Coordenador do Projeto, António Barros. Consequentemente, configurou-se nos pertinentes expor a análise do objeto de estudo a que nos propusemos, em texto recriado e testemunho desta experiência ímpar: *A Universidade vai à Baixa. Creativ Lab «É preciso fazer sapatos novos com estilo!»*

A Universidade vai à Baixa convoca antes de mais a questão de espaço, e «o espaço é um dos eixos fundamentais da organização discursiva»², o espaço serve «com vista à significação»³ determina Greimas .

Por seu lado, na sequência dos trabalhos de Lotman, consideramos a moda, tal como o texto, como um espaço semiótico no interior do qual várias linguagens interagem e se organizam por um processo de «*tradução criadora que propicia a formação de novos textos com uma função cultural importante*»⁴.

Todavia, o espaço da moda é claramente um espaço fechado determinista e prático, pelo que se impõe ultrapassar esse hermetismo, abrindo os seus territórios especializados a uma «transdisciplinaridade entre os urbanistas, os arquitetos e todas as outras disciplinas das ciências sociais, das ciências humanas, das ciências ecológicas etc.»⁵. Enfim, percebendo uma cidade geradora de subjetividades e observando as profundas modificações da atualidade, sobretudo de ordem tecnológica, busca-se propiciar às gerações vindouras uma forma diferente de sentir e pensar, logo, de viver.

Note-se, que o futuro tal como o passado, atrai os homens no presente, que procuram as suas raízes e a sua identidade, e mais do que nunca se deixam por tal fascinar. Assim, partindo do pressuposto de que «os homens

só muito tardiamente têm consciência da significação do futuro»⁶, ou da afirmação de Paul Valéry segundo a qual «Entramos no futuro às arrecuas», sugere-se uma conversão do passado em futuro e uma atitude perante o passado que não desvie nem do presente, nem do futuro e que, pelo contrário, ajude a prevê-lo e a prepará-lo⁷: esta é, também, a essência da moda.

E as criações da moda produzem-se no intimismo dos ateliês e mostram-se, após o desfile, nas vitrinas das lojas, para de seguida saírem à rua. A vitrina enriquece a paisagem urbana com cor, humor e fantasia na sua dimensão lúdica e teatral e, por essas razões, encerra o potencial de uma forma de expressão artística total. Assim, antecipando as megastores construídas na Ásia pelos melhores arquitetos da atualidade para Prada, Vuitton, Dior ou Chanel, visionariamente Andy Warhol afirmara já em 1973 : «Tous les grands magasins deviendront des musées et tous les musées deviendront des grands magasins»⁸.

Com os seus espaços próprios e de natureza diversa – dos espaços de criatividade aos espaços de fabrico e confeção, os espaços de desfile e passerelle, os espaços da vitrina e venda, os espaços de exposição e memória –, a moda está na rua e em praticamente todas as instâncias de sociabilidade do nosso quotidiano, e à escala mundial cria laços políticos, económicos, sociais e culturais, e propicia uma permanente circulação de imagens pelo mundo fora. Propondo ao consumidor uma resposta aos seus valores e expectativas, o fenómeno de moda baseia-se também numa lógica da descontinuidade temporal. A moda veste o tempo no sentido estrito do termo e, ainda, no sentido *meteoro lógico*: este é o carácter efémero e sazonal da moda. Dirigida pela lógica da teatralidade, inexoravelmente arrastada numa escalada de sobrecargas, exageros de volume e amplificações da forma, a moda é um sistema inseparável do excessivo e da desmesura: « La mode meurt jeune, et cet air condamné qu'elle a lui donne de la noblesse....C'est à l'instant où elle s'exprime qu'il lui faut atteindre le but et convaincre »⁹, constata Jean Cocteau.

É a moda como uma razão de ser, ou seja, no entendimento de uma maneira individual de viver, de agir e de pensar. Igualmente de passar. Tal como a vida, a moda passa sempre um pouco demasiado depressa. Mas, talvez que esta corrida atrás do gosto de hoje

possa suscitar uma certa amnésia, arrependimentos, recuos ou regressos. Movimento perpétuo, ora pendular, ora desordenado, a criação de moda tem a memória curta. Muitas das suas pesquisas, dos seus tesouros de imaginação e de engenho perder-se-iam irremediavelmente sem um meticuloso trabalho de conservação patrimonial.

Com Creative Lab «Assinado por Tenente», o autor recria os espaços do Museu do Design e da Moda | MUDE – antigo edifício sede do BNU instalado em plena Baixa Pombalina da cidade de Lisboa -, para mostrar o seu património. Aí tentamos detectar em que medida o espaço se envolve no processo comunicacional da exposição e contribui para conferir sentido aos objetos expostos, assim como a concepção de desfile /passerelle pode ser convertida num modelo que a aproxima da *performance*, «considerada um programa narrativo do sujeito competente e em ação»¹⁰.

Por seu lado, a especificidade do *media* exposição ligada à «materialidade do espaço-tempo», em que o corpo do visitante é o suporte que temporaliza as informações espaciais, convoca inevitavelmente a noção de percurso: os objetos que estão no espaço adquirem sentido de acordo com o percurso do sujeito, de acordo com a deslocação do seu corpo e do seu olhar, assumindo em conjunto o movimento da intencionalidade: afinal, é «para ir para onde olho» ou «olhar onde vou». O termo percurso implica «uma progressão de um ponto a outro»¹¹

Num texto memorável, Jean-Marie Floch¹² propõe uma «tipologia comportamental dos viajantes no Metro» – os críticos, os profissionais os sonâmbulos, os curiosos –, de acordo com a análise da estratégia de utilização dos trajetos dos transportes públicos em Paris. Fora do contexto do Metro, tais figuras actoriais distinguem-se daquele que passeia e que não é mobilizado por qualquer «ponto de saída», experimentando os acidentes do caminho, admirando a vista ou envolvendo-se num encontro e prosseguindo descontraído.

É esta atitude de sujeito actante que assumimos quando passamos pela Baixa de Coimbra no eixo Sofia/Portagem, e vivenciamos uma paisagem urbana, notoriamente intervencionada e transmutada, quer pelo cunho distintivo da dinâmica incutida às montras a concurso alusivas à Candidatura de Coimbra Património Mundial, resultado do cruzamento de saberes e fronteiras, quer pelo carácter lúdico das montras reavivadas, re-habitadas e re-vestidas pela riqueza interpretativa do olhar das crianças, ou esse luxo maior de uma imaginação ilimitada, que fortuitamente alcançará um importante eixo dos estudos

semióticos, os artefactos enquanto signo e código, em «Montra de mostrar sonhos».

Perseguindo a linha norteadora da nossa investigação, aliada a uma curiosidade pessoal, não podemos deixar de nos rever, em processo de averiguação, nas vitrinas da loja que num passado recente foi a sapataria «A Elegante». Aí, pela ação das crianças, uma primeira vitrina é agora *vestida* por fantasiosos sapatos desenhados, caminhantes mensageiros de histórias do futuro, que revezam os velhos contos de uma narrativa cansada em vias de renovação. Assim, na lembrança dos sapatos que por lá passaram, sapatos sóbrios, monocromáticos, manufaturados de acordo com um saber fazer artesanal mas sem *design* atualizado como vector moda, as crianças dotadas de um olhar esteticamente condicionado e crítico, deduzem que «os sapatos perderam a moda», pelo que a alternativa é sugerida na segunda vitrina, repleta de desenhos de guloseimas cheias de cor e evocando sabores gostosos, «pecados» maiores aqui inocentemente inscritos: «é preciso fazer sapatos novos com estilo ou então fazer uma loja de guloseimas, com muitos bolos, *cupcakes*, chupas e rebuçados», concluem num texto/narrativa sobre a cidade reinventada, que reveste a porta do edifício, convidando a entrar e, face à impossibilidade, a parar diante de um manifesto de boas vindas, genuíno apelo à fruição da plenitude dos sentidos: sinestésias.

Por outro lado, a vitrina em causa é a de uma sapataria de nome *A Elegante*, particularidade que reitera a correlação entre elegância e gosto, ou o «último gosto do gosto»: note-se que a palavra «gosto» na língua portuguesa (tal como na francesa, espanhola e noutras) designa duas coisas em simultâneo: o órgão sensorial do gosto e um julgamento de valor estético. Assim, a passagem da significação primeira e sensorial ao sentido figurado e estético deixa transparecer alguma tensão entre o sentido e o julgamento, entre o gosto gustativo e o gosto estético¹³. Gostos/objetos de idêntico nível de pertinência semiótica, quando o vestir e o comer ultrapassam largamente o aspeto prático para simbolizarem a busca de uma identidade, de valores, em suma, um ideal: diríamos que os *sapatos com estilo* são uma *guloseima* tal como os *chupas* e os *cupcakes*, tratando-se, em ambos os casos, de *deliciar-se* também com os olhos. Assim, inquieta por abolir as rotinas perceptíveis, a *exposição/installação* propõe novos objetos de sentido. Na *instalação* o essencial não é mais o objeto ele próprio mas a confrontação dramática do espectador a uma situação perceptível. Aí, o percurso do sujeito transforma-se no próprio sentido da *mostra*.



● New High Heels Platos Atlantis © Alexander McQueen 2010



● Casa da Criança Rainha Santa Isabel da Fundação Bissaya Barreto, © 2012

Finalmente, se considerarmos os pontos acima referidos como formas de intertextualidade, modos de entrelaçamento de uma narrativa noutra, modos de entrelaçamento explícito do passado e do presente, estamos diante de uma constatação que sugere e leva a pensar que a história, ou como preferirmos, a narrativa da moda deve ser, e será sempre no futuro, uma narrativa articulada entre passado e atualidade, entre património e futuro, até por-

¹ Fronteira aqui entendida, de acordo com Lotman, como uma zona de bilinguismo cultural em que todos os mecanismos de tradução e seus agentes (“estepa” ou “bárbaros”, segundo o autor) estão ao serviço dos contactos externos e garantem os contactos semióticos entre os dois mundos: «La función de toda frontera ... se reduce a limitar la penetración de lo externo en lo interno, a filtrarlo y elaborarlo adaptativamente... Esa misma función de frontera de la semiosfera es desempeñada por las regiones con diversas mezclas culturales: ciudades, vías comerciales y otros dominios de formaciones de Koiné y de estructuras semióticas creolizadas.» in Ju. LOTMAN (1996) La Semiosfera, I, Semiótica de la Cultura y del Texto, Ediciones Cátedra, Madrid, pp.26/27

² Cito JOSÉ AUGUSTO MOURÃO, (2005), «Do espaço Teológico ao Ciberespaço», Revista de Comunicação e Linguagens, N° 34 e 35 («Espaços»), Relógio d’Água, Lisboa, p. 66

³ Cf. definição de Espacialização, A.J. GREIMAS, J. COURTÈS, (1993), Dicionário de Semiótica, Tradução brasileira, Editora contexto, São Paulo, p.177

⁴ Tradução livre de JULIETA HAIDAR La complejidad y los alcances de la categoría de semiosfera.

⁵ FÉLIX GUATTARI, (2008) Caosmose: um novo paradigma estético. Tradução brasileira, Ed 34, São Paulo, p. 172

Problemas de operatividad analítica (2005). Artigo acedido

que «*A cidade está a mudar*» os espaços da moda, pois «*Os sapatos perderam a moda!*» e então «É preciso fazer sapatos novos com estilo!»

* Investigadora em Semiótica da Moda,
Formadora: "Curso Visual Merchandising | Vitrinismo"

a 30 de setembro 2012, <http://www.ugr.es/~mcaceres/Entretex-tos/entre6/haidar.htm> e Cf. com JORGE LOZANO (1998), La semiosfera y la teoría de la cultura. Artigo acedido a 28 de setembro 2012, <http://www.ucm.es/info/especulo/numero8/lozano.htm>

⁶ Palavras de GASTON BERGER, (1964) Phénoménologie du temps et prospective, PUF, Paris, p.227

⁷ Noção proposta por JACQUES LE GOFF, (1994) “Enciclopédia Einaudi”, Vol. 1, Memória-História, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Porto, p.307

⁸ Afirmação de Andy Warhol citada por MARY PORTAS, (2000) Vitrines, stratégies de la séduction, Thames & Hudson.

⁹ Jean Cocteau citado por GISELE PREVOST, (2001), Voyage au Pays du Luxe, le cherche midi éditeur, Paris

¹⁰ Cf. definição Performance, Greimas, Courtès 1993, p. 364

¹¹ Cf. definição Percurso, idem, p.362

¹² O texto de JEAN MARIE FLOCH (2002) a que nos referimos denomina-se «Êtes-vous arpenteur ou somnambule?», capítulo de Semiotique, Marqueting et Communication, PUF, Paris, pp.19-47

¹³ Ideia geral veiculada por OLIVIER ASSOULY, (2007) Goûts à vendre, Essais sur la captation esthétique, Institut Français de la Mode - Regard, Paris, p.15

EXPERIÊNCIAS CÊNICAS

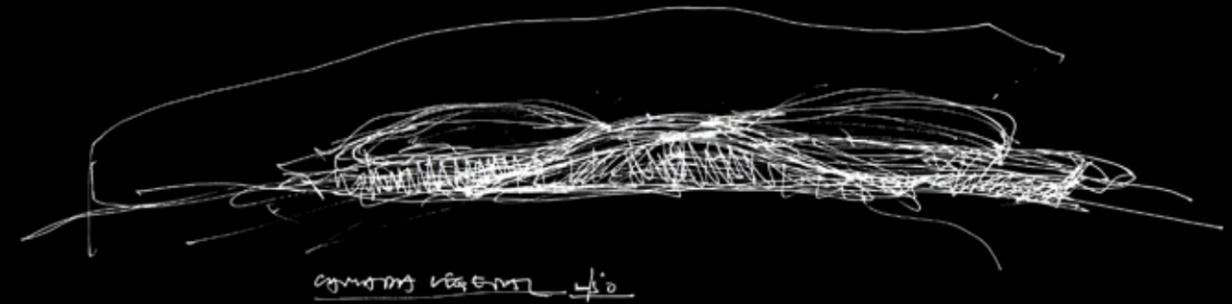
L. PEDRO CRISÓSTOMO*

1 | O que é a Cenografia?

Na Grécia Antiga, (Do grego skenographía, «narrativa dramática; ornato de pintura para o teatro») a cenografia (escrita da cena) era a arte de adornar o palco cénico através de pinturas decorativas daí resultando o nome da técnica utilizada. A cenografia também denominada de arquitetura de cena ou arquitetura cenográfica é a arte e ciência de projetar a instalação de cenários para espetáculos teatrais, operáticos, de dança ou cinematográficos, ocupa-se especificamente da conceção e produção de cenários arquitetónicos internos ou externos, em lugares predeterminados para o efeito do ato de representação.

Na arte teatral, a cenografia também denominada desenho de cena é uma das componentes do espetáculo, a par da encenação, do desenho de luz, da sonoplastia, dos figurinos, e da caracterização. Cristaliza e situa-nos de uma forma mais ou menos ambígua, mais ou menos realista ou figurativa no espaço-tempo (ou não) em que a ação se desenrola, sempre com o intuito de criar um referencial de lugar que sabemos ser o lugar onde as personagens de determinada história existem.

Na atualidade, este lugar ou cenário é muitas vezes o motor que ajuda a caracterizar e a identificar a personalidade dos próprios personagens e estes em perfeita simbiose



com o espaço fazem-nos acreditar que é ali que pertencem e não a mais nenhum outro lugar na terra.

Num sentido mais contemporâneo do termo, a cenografia para teatro, é a ciência e a arte da organização do palco e do espaço teatral em que a palavra substituiu a decoração, para ultrapassar a noção de ornamentação (conotação pejorativa) e de “embalagem” que ainda se atribui, muitas vezes, à conceção obsoleta do teatro como decoração. A cenografia marca bem o seu desejo de ser uma escrita no espaço tridimensional (ao qual seria mesmo preciso acrescentar a dimensão temporal), já não existe enquanto arte pictórica da tela pintada, como o teatro se contentou em ser até ao fim do naturalismo. Nos nossos dias a representação da cena teatral deixou de ser considerada como a materialização das problemáticas indicações cénicas: ela recusa-se simplesmente a desempenhar o papel de “simples figurante” em relação a um texto preexistente e determinante.

2 | Propósito e Contributo

A cenografia como já foi referido, tem origem, tal como a etimologia da própria palavra, na Grécia Antiga, sendo, primeiro, entendida apenas como a arte de adornar e decorar o teatro, evoluindo, depois, para uma definição mais abrangente e mais atual como a arte de conceber e projetar cenários para um espetáculo.

É curioso verificar também que o conceito de cenografia é utilizado, a partir do Renascimento, como a arte de pintar em perspectiva. De facto, até ao séc. XIX a cenografia (e o traje de cena) permaneceu, nos teatros mais importantes ou naqueles que deixaram história, nas mãos de um misto entre decoradores especializados e arquitetos cuja criação artística consistia num seguidismo fiel às normas estabelecidas desde o séc. XVI, isto é, todo o seu trabalho era condicionado por uma ordenação regulada da perspetiva, destinada a criar um espaço que reproduzisse uma ilusão do real. É a fase em que o cenário (que é aquilo que a cenografia até aí produz) se situa ou é limitado por um espaço a duas dimensões, materializado pelo telão pintado.

A partir do início do séc. XX, numa reação à estética naturalista que fazia do cenário e do ambiente que envolvia a repre-

sentação teatral uma réplica mimética e passiva da realidade, a cenografia passa a ter uma nova função ou intervenção na construção do espetáculo, passando a ser entendida como uma espécie de escrita do e no espaço em três dimensões, estabelecendo um jogo de correspondências e proporções entre o espaço de representação e o espaço do texto propriamente dito.

Passa-se, assim (uma vez mais), a uma concepção global ou total da encenação ou, como escreveu Adolphe Appia, “a arte da encenação é a arte de projectar no Espaço aquilo que o dramaturgo só pôde projectar no Tempo”; a cenografia deixa, então, de ter como elemento obrigatório e dominante o telão pintado, transformando-se, nas suas práticas contemporâneas, num elemento dinâmico, multifuncional e multidisciplinar da arte da totalidade que é a representação teatral.

A cenografia é, de todas as técnicas e saberes que intervêm nas artes do espetáculo do nosso tempo, aquela que mais e melhor tem aproveitado a exponencial evolução das novas tecnologias, propondo assim novos desafios, acrescentando à fatalidade efémera do espetáculo a realidade virtual (por condição, também efémera) da criação eletrónica ou digital de ambientes e espaços em substituição da realidade material do telão, dos cenários e respetivos adereços.

Enquanto propósito e produto de criatividade artística a cenografia inscreve um novo percurso, transforma-se num laboratório alquímico do real, de construção experimental de tempo e de espaço, onde a transdisciplinaridade de outros misteres podem inscrever-se, como a arquitetura, a escultura, a pintura, e por conseqüente contaminação, difunde-se através de um espectro mais amplo a todas as atividades correlacionadas. Neste sentido o seu contributo transforma-se numa janela de oportunidades exemplar, que se pode abrir até à incomensurabilidade da imaginação daquele que participa no processo de criação.

* Arquiteto, Cenógrafo,
Formador: "Curso Visual Merchandising | Vitrinismo"

HÁ QUANTO TEMPO NÃO VAI À BAIXA?

ISABEL CAMPANTE*

Até há pouco tempo, ir às compras era ir à Baixa. E passear na cidade, ver montras, almoçar em negócios, ir para o trabalho, preguiçar depois das aulas, espreitar os plátanos ou mirar o Mondego, beber café em tempo de ócio, apanhar um transporte, lanchar com as amigas, encontrar as últimas novidades, tagarelar com os colegas, assistir a concertos eruditos ou ver ranchos populares, ouvir as tertúlias literárias ou artísticas, era quase sempre na Baixa. O destino das grandes comemorações, das festas académicas, dos festejos futebolísticos, das procissões emblemáticas, das marchas de protesto, das vitórias coletivas era, por norma, na Baixa. E cada conimbricense vai acrescentando as suas próprias recordações a esta memória coletiva.

O projeto “A Universidade vai à Baixa” – que partiu do pretexto da recordação de que foi na Rua da Sofia que a Universidade começou e que evoluiu para uma recolha de ideias sobre o que as crianças de hoje desejam para o futuro da Baixa – permitiu-nos resgatar, uma vez mais, esse tempo de vida intensa, onde se misturavam professores e funcionários, datilógrafas e ceramistas, vendedoras e juristas, estudantes e tricanas.

Afinal, é o que tem vindo a procurar fazer a Agência para a Promoção da Baixa de Coimbra (APBC), associação sem fins lucrativos constituída em 2004 por 120 associados (hoje são 150), cujo objetivo é promover este centro comercial a céu aberto, onde se misturam estabelecimentos e escritórios, o antigo e o moderno, consultórios médicos e serviços públicos, o castiço e o cosmopolita, o passear dos turistas e os espaços da cultura – e note-se que com o Centro de Artes Visuais, o Teatro da Cerca de São Bernardo, o Museu Municipal, a sala da Arte À Parte, o Salão Brazil, há mais oferta cultural na Baixa de Coimbra do que na maioria das cidades portuguesas.

Antes do projeto com a Universidade de Coimbra, em que as crianças fizeram uma intervenção plástica nas montras de lojas fechadas, a APBC já tinha promovido outras iniciativas que, alargando o horário comercial, levaram milhares de pessoas à Baixa: Noites Brancas (O Comércio Vem Para a Rua, A Véspera da Madonna é na Baixa e as Marchas Populares), Noites Temáticas (Baile da Rosa, Praça do Pão e Dia do Pai), encontro de Urban Sketchers, e, em paralelo, ações de formação, esclarecimento, sensibilização dos comerciantes, a que se juntou, nesta parceria, o curso de visual merchandising | vitrinismo.

Mas cada imagem de uma montra (infelizmente) encerrada, porque já não compram ali o catedrático nem a costureira, porque já por ali não passam o operário nem a doméstica, é uma narrativa de tristeza que, em vez de se mascarar, importa combater. Um projeto de requalificação deste centro histórico terá sempre de ser feito através do regresso das pessoas – embora vivam mais pessoas na Baixa do que a maioria pensa, assim como há mais lojas abertas do que aquilo que parece ser um discurso dominante. No fundo, a responsabilidade do que sucede a qualquer espaço público central é de todos os cidadãos, mesmo dos que lá não moram nem trabalham.

E se, no nome da associação, aparece o verbo promover, queremos que neste “promover” caibam também os conceitos de propor, proporcionar, provocar. Afinal, se os japoneses, os argentinos, os italianos, os noruegueses ficam fascinados ao passear pela Baixa, porque teimam tantos conimbrenses em desconhecer o encantador centro da sua cidade?

* Agência para a Promoção da Baixa de Coimbra



TRÊS HORAS A PÉ PELA CIDADE

RAIMUNDO MENDES DA SILVA *

20 de Setembro de 2012 - 09:20h – O dia começa à saída do Hotel Astória, na Baixa de Coimbra. Encontramo-nos na receção com o perito do Conselho Internacional dos Monumentos e dos Sítios (ICOMOS) que há três dias (e por mais três dias ainda) avalia a Candidatura a Património Mundial “Universidade de Coimbra – Alta e Sofia”, nas vertentes da “integridade” e da “autenticidade” do Bem Candidato.

No programa pré-definido, discutido e ajustado nas semanas anteriores à missão, a manhã é dedicada à Rua da Sofia, a Santa Cruz e à Baixa, em geral. O arranque está programado para a Câmara Municipal, onde se apresentarão os projetos para Rua da Sofia, as evoluções e as incertezas do canal do Metro e a visão para a progressiva requalificação urbana.

O trajeto faz-se a pé, como irá acontecer durante todo o dia, à exceção de dois ou três momentos em que se impõe uma deslocação muito rápida. Bloco de notas, extratos do dossier de candidatura, as fichas de trabalho preparadas para apoio à missão, máquina fotográfica e a maior atenção a tudo o que nos rodeia são as ferramentas mais presentes em todos estes dias.

Seguimos pela Rua da Sota. Depois sugere-se a Rua Adelino Veiga mas parece mais interessante a Rua das Azeiteiras para parar a meio, já passado o Beco das Canivetas, quase em frente ao acesso ao Largo do Romal, onde um edifício devoluto serve de mote à discussão. Que destino? Habitação? Para quem? Como? Com que meios? Como reabilitar? Qual a filosofia? Qual a política de suporte? Qual a viabilidade?

Acelera-se o passo mas a Praça do Comércio torna a atrasá-lo, como é inevitável, sobretudo para quem conhece as cidades antigas, a importância e a potencialidade das suas praças, para quem está habituado e empenhado em ver o que já foi e o que pode ser, melhor ainda, o que deve ser, o que é inevitável que seja. Recorda-se que, em termos formais, estamos na Zona de Proteção do Bem Candidato. Que seja! É uma Candidatura singular, em que a zona de proteção se envolve e está envolvida, longe da imagem de cintura neutra definida para não perturbar. Avançamos para a Rua dos Sapateiros. Apesar da pressa, na zona mais estreita é inevitável olhar para os beirais reabilitados, agora pintados de amarelo vivo e, baixando o olhar, ver a bandeirola do “Condomínio Comercial”, uma aqui, outra ali, numa explicação imediata do sentido de congregação e promoção do comércio local.

Daí ao Salão Brasil – comentando a atividade cultural da cidade e reforçando a importância e o interesse na reunião prevista para o dia seguinte com associações locais – e depois à Rua do Corvo, são dois passos até chegar à Praça 8 de Maio com o primeiro destino à vista, com algum atraso mas muito trabalho e reflexão já arrecadados desde a partida do Astória.

Na Câmara Municipal, com a Universidade, a RUAS (associação que faz a gestão do “Bem Candidato”) e o ICOMOS Portugal discutem-se detalhadamente os planos para a Rua da Sofia, o seu aspeto atual, a importância da sua valorização, a relação com o Metro ou com a sua ausência. Dos Colégios, peças-chave da Candidatura, falar-se-á depois, no local, sempre com o apoio dos Planos Diretores, com a sua história, o seu estado de conservação e as propostas de futuro.

Mas não podemos avançar já. Há questões que resultaram dos dias anteriores. Sentamo-nos e discutimos o sentido de duas zonas candidatas (Alta e Sofia), a filosofia subjacente à definição das fronteiras, a importância da Rua da Sofia e os instrumentos legais para a sua salvaguarda e valorização, apesar de ser maioritariamente propriedade privada. O debate é cordial, sincero mas intenso. Já não há lugar para generalidades. Todo o detalhe interessa. Discute-se a semântica, se necessário, num saltitar curioso entre o inglês e o português, já que o perito irlandês fala português. Na vontade de que todos os interlocutores compreendam bem o sentido do discurso, este chega a inverter-se, com Coimbra a falar inglês e o ICOMOS a precisar conceitos em português.

11:00h – Finalmente, a Rua da Sofia: Colégio do Espírito Santo, Colégio do Carmo e Colégio da Graça. Os outros já não serão visitados. Avisa-se e agradece-se ao proprietário do Colégio de São Boaventura que vem de Lisboa expressamente para a eventualidade de uma visita. Ficará por visitar a antiga sacristia, agora com a função suspensa, nas traseiras de uma loja de ocasião.

A visita ao Colégio do Espírito Santo é uma novidade para muitos. Dois claustros, muitas habitações, muitos habitantes, espaços de escritório agora vazios, esperando nova função. A matriz está lá, de forma vincada e perene, contrariando os olhares menos atentos que perdem a história no ruído do uso. Como melhorar o espaço? Como devolver-lhe a dignidade merecida? E quem aqui vive? Onde pode viver? Perto? Na Baixa em recuperação?

São 12:00h. Espera-nos o Colégio do Carmo, com a azulejaria do claustro em fase de restauro, o Colégio da Graça que aguarda obras da Universidade e que, noutra sector, acolhe a Liga dos Combatentes. Segue-se o almoço numa República e, depois, os edifícios do Estado Novo, a sua lógica, o seu sentido global, a sua importância no contexto da história de um País e de uma Universidade, dos poderes e contrapoderes, a Casa das Caldeiras, a Associação Académica de Coimbra e, daqui a sete ou oito horas de caminho, debate e reflexão, o Teatro Académico de Gil Vicente. À noite: Canção de Coimbra. Ouvir e sentir mas perceber também. O dia acaba quando as horas se esgotam. Amanhã recomeça...

29

RL #36
IMPRESSÕES



Fomos visitados por um perito do ICOMOS, arquiteto irlandês, entre os dias 17 e 23 de setembro de 2012. A missão foi preparada intensamente durante várias semanas, em sigilo, por recomendação do ICOMOS. Foi um processo rigoroso, intenso e, certamente, de crescimento e enriquecimento da Candidatura e de Coimbra. Recordaram-se aqui, em jeito de agradecimento a todos os que colaboraram e de partilha com todos os que sentem parte deste processo, três das cerca de 100 horas que durou esta missão.

* Vice-reitor da Universidade de Coimbra e curador da candidatura da UC à UNESCO.

O PORQUÊ DA CANDIDATURA

NUNO RIBEIRO LOPES *



A história da Universidade de Coimbra (UC) confunde-se com a de Portugal, nos seus melhores e piores momentos. Ser a única universidade do império português, por vontade do poder, permitiu a unidade daquele e atribuiu à Universidade um papel fundamental na formação das ideologias e das elites, necessárias à criação e manutenção dessa extraordinária dimensão territorial. Permitiu-lhe ter, pois, desde a sua origem, uma dimensão universal. A classificação como Património da Humanidade pela Unesco pretende ser o reconhecimento dessa mesma dimensão.

Se a candidatura é importante como reconhecimento do papel desta instituição na formação dum novo mundo, e afaga o ego, é muito mais importante no seu ressurgimento enquanto polo representativo de uma região e dum país. Num país virado do avesso em 1974, a Universidade perdeu o papel simbólico e perdeu-se nos pequenos grandes problemas internos, que a consumiram e lhe retiraram o reconhecimento de toda uma nação. Mas neste processo conturbado e vertiginoso, não foi só a universidade que se subalternizou; também a cidade perdeu o papel de equilíbrio entre o Norte e o Sul e mergulhou num processo autofágico de descaracterização e desqualificação. Crescimento desordenado, abandono e desertificação do centro, perda da ligação entre a cidade e a universidade, perda da cumplicidade institucional entre os diferentes órgãos do poder e, por fim, a aceitação da sua redução para uma escala regional.

É, pois, importante o momento de revolta; da compreensão que a mudança de paradigma se impunha e que o papel da Universidade ultrapassava a discussão mesquinha dos pequenos poderes e benefícios. É, pois, importante o momento da perceção da necessidade da reafirmação dessa dimensão universal da Universidade, como meio de projetar um futuro que se pretende outra vez brilhante. Nada melhor para captar a atenção de todos que o reconhecimento do exterior. Nada melhor que trabalhar o amor-próprio de toda uma cidade e de uma região, para unir todas as instituições e dar passos rápidos na direção certa. Tinham sido 30 anos de perda e de orientações contrárias ao desenvolvimento sustentado.

A UC, reconhecendo a necessidade de se abrir à cidade e ao mundo, inicia um processo de candidatura a património mundial em 2004. Mas essa candidatura não se resume a um mero dossier bem encadernado e de afirmações enfáticas. Uma candidatura corresponde à afirmação de uma estratégia que garanta para sempre e perante todos os outros, sejam eles portugueses ou de qualquer parte do mundo, a afirmação dessa intrínseca qualidade e valor, e da sua gestão planeada.

Uma candidatura assim obriga a refletir sobre o agir quotidiano e subordiná-lo a uma leitura global e participada. Obriga-nos a pensar nos outros e no futuro ao invés de nós e do dia seguinte.

Obriga-nos a reconhecer os erros e a corrigir procedimentos. Obriga-nos à provocação estruturada e ao afirmar da nossa diferença; à recusa do consenso fácil e da globalização cultural. Obriga-nos a um longo e difícil percurso, necessariamente participado.

Uma candidatura não será nunca uma coletânea de textos de autor; será sempre um processo de afirmação coletiva que se constrói por trabalho interdisciplinar e interdepartamental. Que se constrói discutindo sem tabus e sem segundas intenções ou agendas próprias.

Tivemos oportunidade de investigar e arriscar cartografia, de elaborar planos diretores de edifícios e planos de desenvolvimento do Alta Universitária, de elaborar projetos e concretizar obras de restauro, de recuperação e de adaptação e novas; tivemos oportunidade de participar no desenho da cidade, de elaborar candidaturas de regeneração urbana, de desenvolver regulamentos municipais, de concretizar grupos de trabalho de reflexão e trabalho interinstitucionais, de participar em intervenções pedagógicas e formação.

São oito anos de trabalho, com avanços e recuos como é natural, e não ausente de erros ou omissões, e que não se esgota nos sete volumes da candidatura. Cada processo de candidatura é único e não obedece a nenhuma cartilha, pois de sítios singulares se trata afinal. Se muito foi feito, muitíssimo mais está por fazer. Enunciados os princípios e enumeradas as ações, importa não esperar pelo resultado e trabalhar crentes que o futuro coletivo se trabalha sobre esta estratégia preparada conjuntamente pela Univer(sc)idade e pelos diferentes atores.

É preciso conhecer este volumoso dossier de informação e estratégia e divulgá-lo pelos diferentes agentes de desenvolvimento; é preciso chamar os cidadãos e a academia a participar neste processo. Essa divulgação e participação transformarão o dossier num compromisso público que naturalmente sofrerá retoques, alterações e melhoramentos. Essa será a alavanca necessária para que uma proposta se transforme num processo apaixonante de transformação.

A bandeira que permitiu a colaboração institucional e colocou Coimbra na atualidade política e económica, está erguida e acessível a todos nós. Cabe-nos criar um movimento irreversível que impeça o seu derrube.

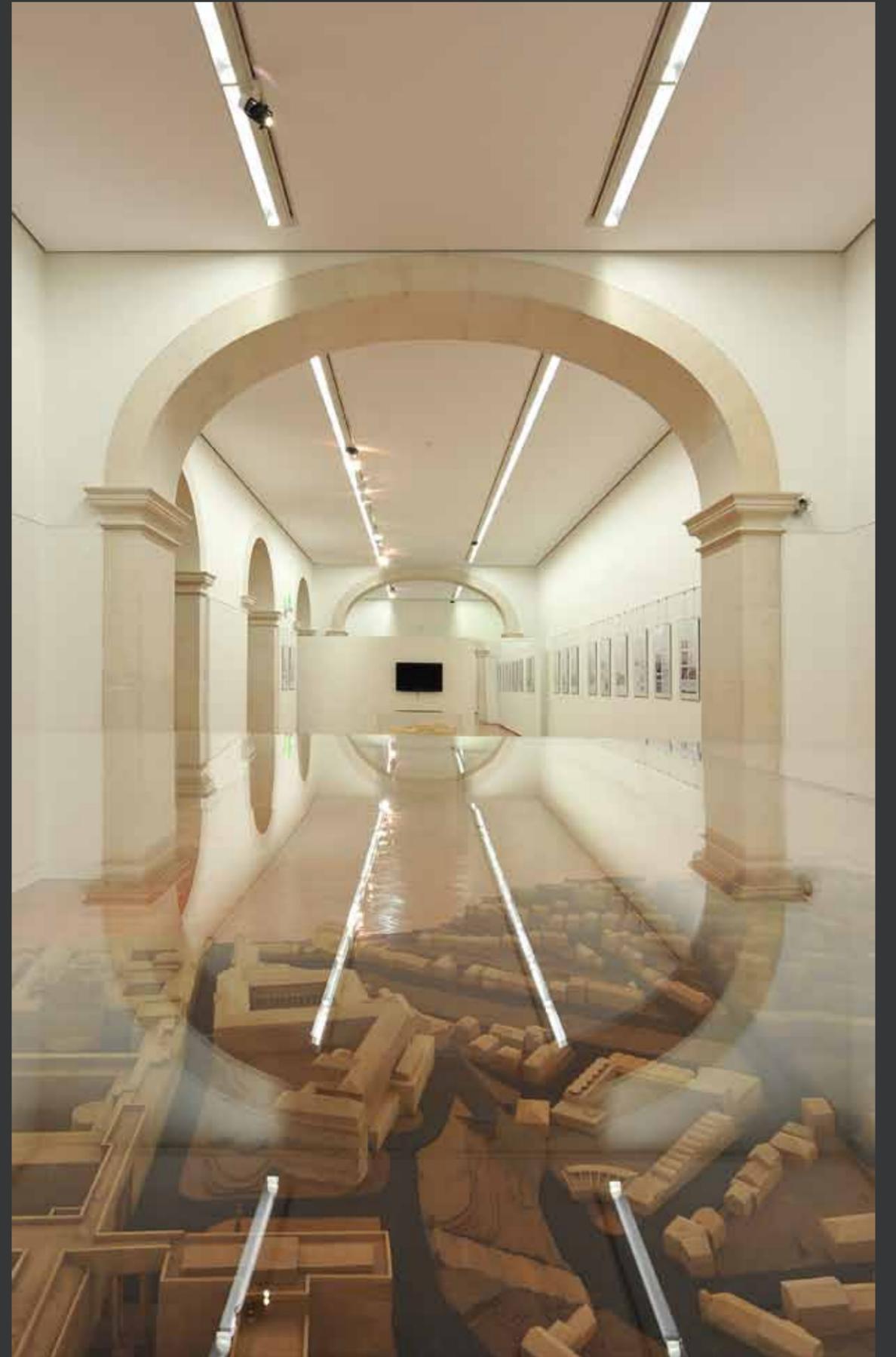
O património histórico é um recurso que não podemos negligenciar nos processos de desenvolvimento. O património mundial é um reconhecimento desse recurso à escala global e deve ser muito mais do que a mera atribuição de um título prestigiado.

Ele deve servir-nos principalmente para inventar e garantir o nosso futuro local, o nosso desenvolvimento, aproveitando a história como experimentação.

* Coordenador da candidatura da Universidade de Coimbra à UNESCO.

32

RL #36
RIBALTA



R U A S

DE COIMBRA PARA O MUNDO

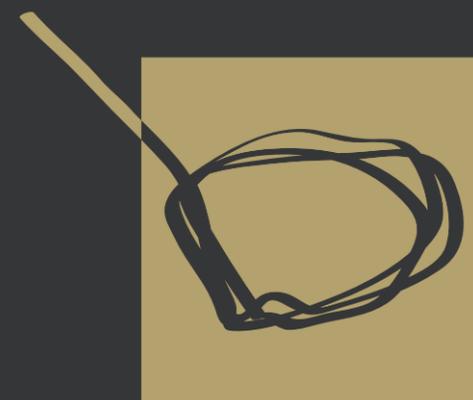
Chama-se RUAS a Associação que promove a candidatura da Universidade de Coimbra a património da Humanidade. Um nome próprio que é nome comum e simultaneamente uma sigla que significa *Recriar Universidade, Alta e Sofia*. Junta, na sua fundação, Universidade de Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, Direção Regional da Cultura do Centro e SRU – Sociedade de Reabilitação Urbana SA. A estes sócios fundadores muitas outras entidades se juntarão para, colegialmente, promover o bem candidato e, caso venha a ser conquistada a chancela da UNESCO, participar na sua gestão.

Vários foram já os momentos marcantes para a RUAS desde o seu início de atividade. A começar pela apresentação pelo Estado português da candidatura à UNESCO, a começar o ano de 2012. Realçam-se também os pontos de ligação estabelecidos com a cidade, destacando a iniciativa “A Universidade vai à Baixa” (apresentada no dossiê temático desta edição da *Rua Larga*) ou os marcos de divulgação pública da candidatura. Na zona candidata, há 29 edifícios assinalados no exterior, marcando o percurso e a história da Universidade em Coimbra. Dentro de cada um deles encontra-se também disponível informação sobre o significado particular do edifício.

Em setembro passado, a RUAS preparou e recebeu a visita do perito designado pelo Icomos – International Council of Monuments and Sites – para avaliar a candidatura e o trabalho desenvolvido no seu âmbito. É com base no relatório desta visita que será produzido o parecer que suportar a votação, em junho de 2013, no Cambodja, por ocasião da reunião do Comité do Património Mundial. Será, pois, nessa ocasião, se a Universidade de Coimbra passará a integrar a desejada lista.

A fechar, é imprescindível falar do coração da Associação. Fica, naturalmente, na zona candidata, incrustado na exposição sobre a Universidade, Alta e Sofia. No Colégio de S. Bento, com entrada mesmo ao lado do final dos Arcos do Jardim, encontra-se uma viagem pela candidatura, aberta ao público partir de janeiro de 2013. A visitar, para conhecer e aderir à candidatura que pretende fazer da Universidade de Coimbra património de todos.

CLARA ALMEIDA SANTOS
Vice-presidente da Direção da Associação RUAS



UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
ALTA E SOFIA
CANDIDATURA
A PATRIMÓNIO
MUNDIAL
UNIVERSITY
OF COIMBRA
ALTA AND SOFIA
WORLD HERITAGE
NOMINATION

O logótipo da candidatura a património da humanidade (UNESCO) foi escolhido da mesma forma como se desenvolve esta Candidatura: de criatividade na ponta do *pensamento* e liberdade no *top of mind*. Em concurso, dinamizado pela associação RUAS, Recriar Universidade, Alta e Sofia, pretendeu-se dos candidatos uma “ideia inovadora” que estabelecesse a “imagem de marca”. Os trabalhos foram classificados segundo a sua originalidade, versatilidade e plasticidade, incluindo obrigatoriamente referências aos locais propostos a património mundial: Universidade de Coimbra, Alta e Rua da Sofia.

O logótipo vencedor foi pensado e concretizado por Sérgio Brito, marcando, assim, uma nova fase de divulgação da candidatura. Segundo o autor, no percorrer da memória descritiva desta criação, o “logótipo consiste na conjugação de vários elementos iconográficos que nos levam ao entendimento entre o núcleo da cidade, as suas modificações ao longo dos tempos, a sua própria extensão e propagação. A linha exterior ao quadrado simboliza a Rua da Sofia e a sua função de levar Coimbra avante, cidade essa que começou a estender-se por aí, trazendo mais conhecimento à cidade com a construção dos vários colégios que ali tomaram lugar. A linha encontra-se fora do suporte para simbolizar o momento em que Coimbra saiu do quadrado, um dos passos que levou a cidade a alcançar o estatuto de hoje, a Cidade do Conhecimento. As linhas no interior do quadrado simbolizam as várias modificações das zonas denominadas como a Alta da cidade onde também se localiza o Pólo I da Universidade de Coimbra.”

“Erguido” em toda a Coimbra, esta insígnia da Candidatura estende o convite, em forma de estandarte, aos olhos da cidade.

UMA CANDIDATURA DESENHADA

MARTA POIARES



MORADAS

DE UMA CANDIDATURA

São 29 os edifícios especialmente em destaque na candidatura da Universidade de Coimbra, Alta e Sofia a património da Humanidade. Em comum têm o facto de por cada um deles ter passado (ou passar ainda) uma parte da história da UC. Da Rua da Sofia, Pólo 0 da Universidade, até aos edifícios que compõem o núcleo do Estado Novo, passando naturalmente pelo Paço das Escolas e pelos colégios que testemunham a herança da Reforma Pombalina.



- RESIDÊNCIAS • VÁRIAS
- COLÉGIOS • ALTA
- POMBALINO
- ESTADO NOVO
- COLÉGIOS • SOFIA

25
COLÉGIO DE SÃO PEDRO DOS TERCEIROS
FUNDAÇÃO: 1540
PROPRIEDADE: CASA DE REPOUSO DE COIMBRA



24
COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA
FUNDAÇÃO: 1543
PROPRIEDADE: UNIVERSIDADE DE COIMBRA
MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL



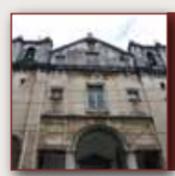
21
ANTIGO COLÉGIO DAS ARTES - INQUISIÇÃO
FUNDAÇÃO: SÉCULO XVI
PROPRIEDADE: UNIVERSIDADE DE COIMBRA



29
COLÉGIO DE SANTO AGOSTINHO
FUNDAÇÃO: 1593
PROPRIEDADE: SANTA CASA DA MISERICÓRDIA



23
COLÉGIO DE NOSSA SENHORA DO CARMO
FUNDAÇÃO: 1542
PROPRIEDADE: ORDEM TERCEIRA DE SÃO FRANCISCO



26
COLÉGIO DE SÃO TOMÁS
FUNDAÇÃO: 1543
PROPRIEDADE: MINISTÉRIO DA JUSTIÇA



22
COLÉGIO DO ESPÍRITO SANTO
FUNDAÇÃO: 1541
PROPRIEDADE: PRIVADA



2
COLÉGIO DE JESUS
FUNDAÇÃO: 1540
PROPRIEDADE: UNIVERSIDADE DE COIMBRA
DIOCESE DE COIMBRA



3
REAL COLÉGIO DAS ARTES
FUNDAÇÃO: 1568
PROPRIEDADE: UNIVERSIDADE DE COIMBRA



19
ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE COIMBRA
FUNDAÇÃO: 1954
PROPRIEDADE: UNIVERSIDADE DE COIMBRA



28
PALÁCIO DE SUB-RIPAS
FUNDAÇÃO: SÉCULO XVI
PROPRIEDADE: UNIVERSIDADE DE COIMBRA



27
COLÉGIO DE SÃO BOAVENTURA
FUNDAÇÃO: 1543
PROPRIEDADE: PRIVADA



10
LABORATÓRIO QUÍMICO
FUNDAÇÃO: 1773
PROPRIEDADE: UNIVERSIDADE DE COIMBRA



4
COLÉGIO DE SÃO JERÓNIMO
FUNDAÇÃO: 1565
PROPRIEDADE: UNIVERSIDADE DE COIMBRA



12
CASA DAS CALDEIRAS
FUNDAÇÃO: 1941
PROPRIEDADE: UNIVERSIDADE DE COIMBRA



9
IMPRESA DA UNIVERSIDADE
FUNDAÇÃO: 1772
PROPRIEDADE: UNIVERSIDADE DE COIMBRA



8
COLÉGIO DE SANTA RITA
FUNDAÇÃO: 1755
PROPRIEDADE: UNIVERSIDADE DE COIMBRA



16
FACULDADE DE MEDICINA
FUNDAÇÃO: 1951
PROPRIEDADE: UNIVERSIDADE DE COIMBRA



18
DEPARTAMENTO DE MATEMÁTICA
FUNDAÇÃO: 1964
PROPRIEDADE: UNIVERSIDADE DE COIMBRA



16
FACULDADE DE MEDICINA
FUNDAÇÃO: 1951
PROPRIEDADE: UNIVERSIDADE DE COIMBRA



11
CASA DOS MELOS
FUNDAÇÃO: SÉCULO XVI
PROPRIEDADE: UNIVERSIDADE DE COIMBRA



1
PAÇO DAS ESCOLAS
FUNDAÇÃO: SÉCULO XI
PROPRIEDADE: UNIVERSIDADE DE COIMBRA



14
BIBLIOTECA GERAL
FUNDAÇÃO: 1942
PROPRIEDADE: UNIVERSIDADE DE COIMBRA



17
DEPARTAMENTO DE FÍSICA E QUÍMICA
FUNDAÇÃO: 1966
PROPRIEDADE: UNIVERSIDADE DE COIMBRA



13
FACULDADE DE LETRAS
FUNDAÇÃO: 1945
PROPRIEDADE: UNIVERSIDADE DE COIMBRA



7
COLÉGIO DE SANTO ANTÓNIO DA PEDREIRA
FUNDAÇÃO: 1602
PROPRIEDADE: CASA DA INFÂNCIA DR. ELÍSIO DE MOURA



6
COLÉGIO DA SANTÍSSIMA TRINDADE
FUNDAÇÃO: 1562
PROPRIEDADE: UNIVERSIDADE DE COIMBRA



15
ARQUIVO DA UNIVERSIDADE
FUNDAÇÃO: 1943
PROPRIEDADE: UNIVERSIDADE DE COIMBRA

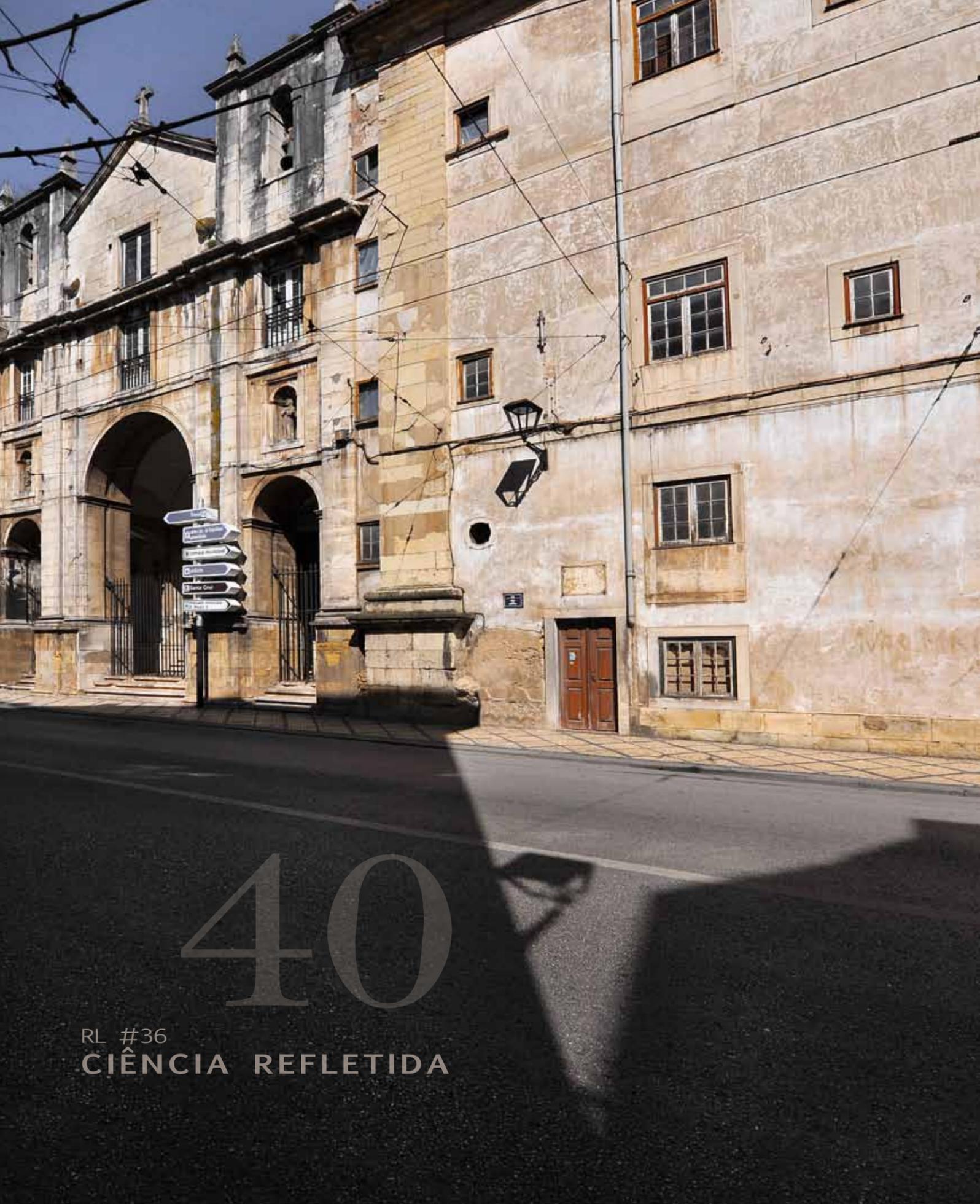


20
JARDIM BOTÂNICO
FUNDAÇÃO: 1774
PROPRIEDADE: UNIVERSIDADE DE COIMBRA



5
COLÉGIO DE SÃO BENTO
FUNDAÇÃO: 1576
PROPRIEDADE: UNIVERSIDADE DE COIMBRA





TURISMO, PATRIMÓNIO E DESENVOLVIMENTO

CAMINHOS NEM SEMPRE PARALELOS

FERNANDA CRAVIDÃO *

NOTA INTRODUTÓRIA

Existe hoje uma cultura global que promove novas relações com o tempo, com o passado, com o património, com o lugar. Esta cultura apela, por um lado, à experiência, a uma atração quase nostálgica com os lugares, a uma identidade social e territorial; e por outro, faz projetar o exótico e o longínquo como espaços onde a ficção se mescla com realidade. Os sítios, os lugares, o património - material e imaterial -, os territórios, adquirem dimensões simbólicas onde o turismo continua ter um campo aberto para se desenvolver. Neste contexto, a trilogia “turismo, património e desenvolvimento” alcança particular significado no tecido das práticas turísticas/culturais da sociedade contemporânea. Como afirmam numerosos autores que refletem sobre este tema, o turismo, enquanto espécie de consciência moderna, assenta numa interação com o território e, por esta via, com o lugar, símbolo de uma patrimonialização progressiva. Procura, sobretudo, a reinterpretação deste. O património – quase sempre associado ao conceito de herança, algo que passa de geração em geração e, por isso, importante veículo de transmissão – passa a ser encarado como uma cadeia de valor histórico e, portanto, como “parte relevante da tradição cultural da sociedade onde o lugar,

enquanto património, pode representar na sociedade contemporânea, o elo entre a tradição e a modernidade.” SIGALA e LESLIE (2005)

TURISMO E PATRIMÓNIO UMA RELAÇÃO (RE)INVENTADA

No quadro da História da Humanidade, o turismo é um fenómeno recente. Apenas a partir do século XVIII se começa a organizar e sistematizar. Porém, de um fenómeno de elites que se deslocavam segundo um mapa mundial bem delimitado, transformou-se, em menos de 50 anos, num fenómeno massificado e global.

Neste cenário, que tem como protagonista a última geração do século passado, alteram-se os quotidianos, os ritmos de trabalho, os tempos de lazer assumem novas regras ou despem-se delas, buscam-se novas experiências. Há novas procuras e por essa via novas ofertas. As regiões turísticas alargam-se e emergem novos territórios com novas práticas e, sobretudo, com *outros* turistas. É neste novo paradigma que o património vai assumindo, progressivamente, uma dimensão valorativa até aqui quase desatenta. Não importa que se trate de um centro histórico relevante ou de um pequeno lugar onde a práticas culturais perduram memórias.

O que importa é a sua reinvenção para ser visitado.

Não podemos esquecer que esta mudança de “olhar” se inscreve num primeiro momento na Carta de Atenas (1931) - e de que a UNESCO será uma sucessora - e que, posteriormente, a Carta de Veneza patrocinada pelo ICOMOS (Conselho Internacional para Monumentos e Sítios) consolida. Com a Carta de Veneza não só se ampliam os cuidados com o património, como sobretudo se lhe dá uma nova inserção coletiva, territorial, paisagística.

O turismo, fenómeno social e cultural por excelência, responde progressivamente a turistas mais informados, mais qualificados, mais exigentes, com maior sentido de ética e de estética. É neste tecido, onde a cultura assume um fio condutor sem recuo, que o Património, natural, construído e imaterial, vai progressivamente emergindo como fator de sustentabilidade económica, cultural e social, e por isso também, como fator de desenvolvimento, onde o primeiro reflexo se espelha à escala local e à escala regional.

É certo que muitos destes “novos” percursos emergem de imagens criadas por histórias familiares, por espaços perpetuados pela literatura, pelo cinema, por percursos de vida e ligações afetivas, por ligações estéticas. Estes “novos” lugares de viagem

40

RL #36
CIÊNCIA REFLETIDA

vêm ao encontro desse imaginário, dando-lhe uma identificação territorial que vai começando a desenhar novos mapas. Neste percurso, os bens culturais são frequentemente reconvertidos e quase sempre se transformam num eficaz instrumento de desenvolvimento territorial/turístico. Além disso, constituem, quase sempre, elementos potenciadores de qualidade de vida, uma vez que trazem a reabilitação de espaços e a consequente oferta de novos serviços, quase sempre inspirados na identidade do lugar.

Estas novas imagens que cada um vai construindo constituem importantes suportes para as escolhas de itinerários, construção de novos olhares sobre o património ou mesmo definição de diferentes perfis de visitantes. São estes que promovem e obrigam a ofertas cada vez mais definidas e dirigidas, procurando cativar “velhos e “novos” turistas, conferindo novas imagens a “velhos” lugares e alterando e diversificando a sua atratividade. E estes são novos desafios. Há novas procuras, novos perfis de turistas, novas formas de olhar e consumir o território onde o património assume um lugar diferente. Por vezes, o principal.

Neste contexto, a UNESCO tem vindo a assumir um papel significativo com as políticas de classificação iniciadas a partir de 1972. As diversas classificações a Património mundial constituem um valor simbólico, permitindo que numerosos *sítios* adquiram uma mais-valia para o turismo mas, também, uma maior vigilância no sentido de preservar os fundamentos da classificação. E esta é uma questão central na relação entre turismo e património.

São muitos e diversificados os estudos exemplificativos dos impactos destas classificações, nomeadamente refletindo uma maior procura

de visitantes e o impacto económico que quase sempre gera. Por exemplo, a cidade fortificada de Campeche, México, classificada em 1999, assistiu a um crescimento médio de visitantes, até 2004, na ordem dos 39%, refletindo-se num acréscimo da taxa de ocupação da hotelaria na ordem dos 45%, duplicando o consumo turístico. No mesmo sentido vão os diversos estudos, entre muito outros, em torno dos efeitos do Museu Guggenheim em Bilbao ou do Centro histórico de Viena de Áustria. Portugal não se afasta demasiado deste cenário. Um inquérito realizado em Guimarães em 2010/11 mostra que 67% dos turistas visitam esta cidade, classificada pela UNESCO como património da Humanidade, em 2001, por motivos relacionados com o património e com as cidades históricas, sendo que nesta percentagem, 60% tem formação superior. (V. C. MARQUES, 2011). Esta é, sim, uma nova relação com o lugar e com o património.

Em nota conclusiva pode afirmar-se que o património material e imaterial é, hoje, na economia global, um dos poucos caminhos que permite encontrar o diferente. Isto é, dar a um lugar a sua verdadeira dimensão: geográfica, sociológica, cultural, coletiva.

Esta nova relação entre turista e património, material e intangível torna-se mais complexa, gera mais mobilidade, mas exige também, e cada vez mais, uma permanente vigilância. De todos.

Referencias Bibliográficas

BORGES, M, SERRA, J. e MARUJO, N. (2011). *Visitors Profile at World Cultural Heritage Sites: an*

empirical study of Évora, Portugal. 4th International Conference on Tourism and Environment, University of Extremadura, Caceres, Spain.

Cravidao, F. (2011) Turismo, *Território Cultura - Uma trilogia (sempre) em construção*, em *Espaço e Cultura*, UERJ, RJ, nº29, p.35-42.

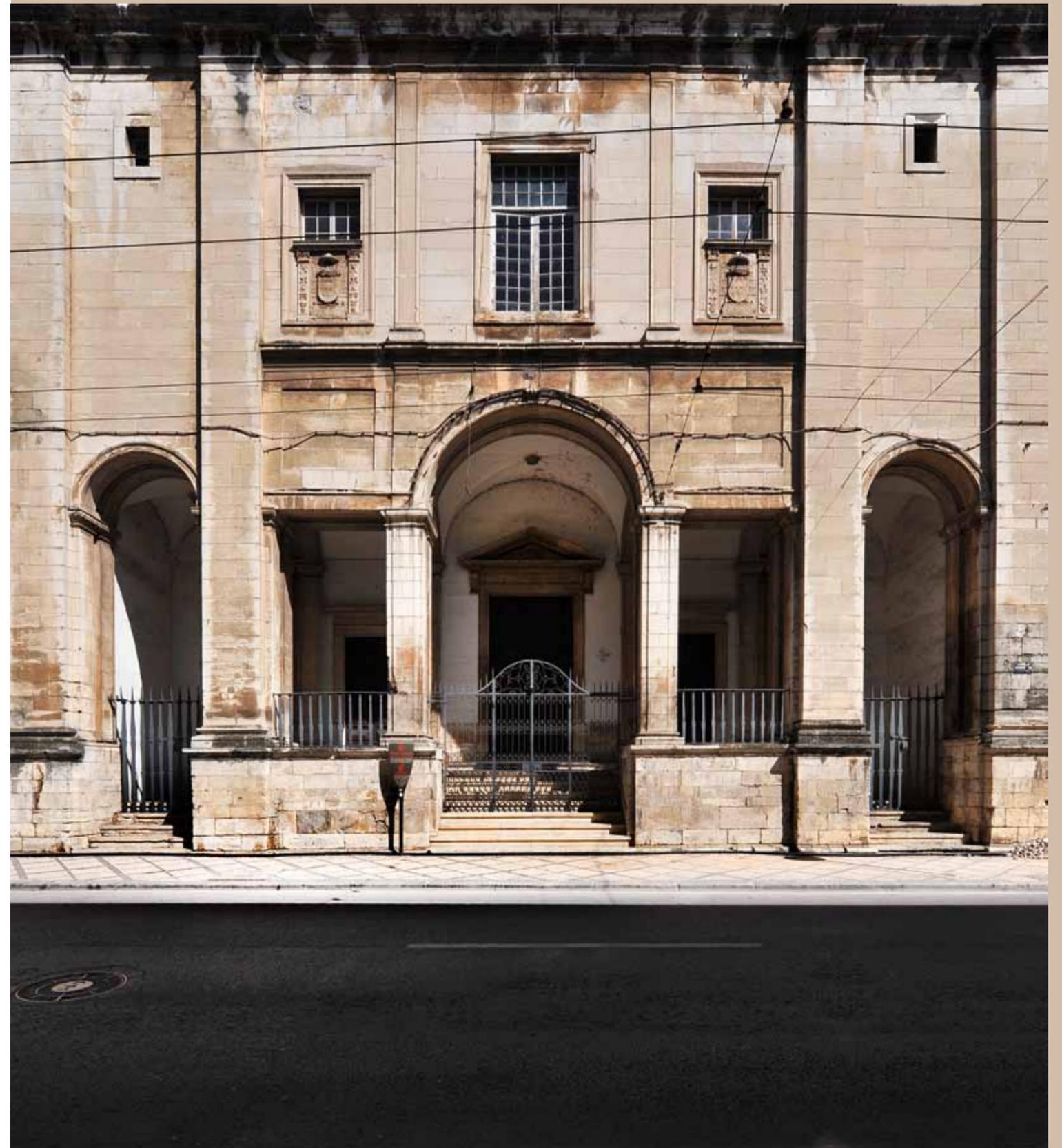
Marques, V, C. (2011) *Turismo cultural em Guimarães - O perfil e as motivações do visitante*. Tese de Mestrado, Universidade do Minho.

Ron van Oers, (2006) *Preventing the Goose with the Golden Eggs from catching Bird Flu – UNESCO's efforts in Safeguarding the Historic Urban Landscape. 42nd Congress of The International Society of City and Regional Planners Istanbul, Turkey.*

SIGALA, M e LESLIE, D (2005) *Introduction Cultural tourism*, Ed. Elsevier, UK. 282p.

* Geógrafa.

Professora da Universidade de Coimbra.



44

RL #36
AO LARGO



*A esperada futura consagração da
Universidade de Coimbra
como Património da Humanidade
parece-me a todos os títulos merecida.*

ENTREVISTA

Francisco Seixas da Costa

MARTA POIARES

Francisco Seixas da Costa é um dos mais icónicos diplomatas portugueses. Conhecido pela capacidade de reflexão sobre os temas associados à política externa, conta com uma carreira recheada na área da diplomacia. Em 1995, foi nomeado secretário de Estado dos Assuntos Europeus, tendo sido o principal negociador português dos tratados de Amesterdão e Nice e presidido ao comité de ministros do Acordo de Schenghen. Foi, depois, embaixador junto das Nações Unidas, da Organização para a Segurança e Cooperação da Europa, Brasil e está, desde 2009, em Paris, cargo que abandonará em fevereiro de 2013 por atingir limite de idade. A partir de 2012, passou, cumulativamente, a assumir funções como embaixador representante permanente junto da UNESCO e é nesse sentido que os caminhos da Universidade de Coimbra (UC) e de Francisco Seixas da Costa se encontram.

Qual o verdadeiro significado de património para a UNESCO?

Ultrapassa um pouco aquele que vulgarmente lhe damos na vida comum. Para a UNESCO, esta realidade é algo mais complexa. E isto por duas razões principais. Em primeiro lugar, porque património é entendido em conjunto com o adjetivo “mundial”. Quer isto dizer que tem de se cuidar de um bem com características de excecionalidade, algo de único no mundo, seja uma paisagem (como o Alto Douro Vinhateiro ou a Costa dos Descobrimentos no Brasil) ou um monumento ou conjunto arquitetónico (a Torre de Belém, a Arte Rupestre de Altamira em Espanha ou a Acrópole de Atenas). Trata-se, assim, de bens sem igual, com um significado inigualável. E esta é a outra razão da especificidade do significado de Património para a UNESCO. O Mosteiro dos Jerónimos, por exemplo, é um bem que Portugal deseja partilhar com o resto do mundo. Temos vontade que o mundo o conheça e aprecie e dele usufrua como nós portugueses gostamos de usufruir. É, assim, um património que não é só nosso.

Quais os fundamentos da classificação a Património Mundial?

Classificar um bem como Património Mundial ou da Humanidade obedece a critérios precisos, definidos na Convenção do Património Mundial e outros documentos. Deste modo, para obter essa classificação e consagração é necessário que o bem em causa preencha, pelo menos, uma das seguintes condições: mostrar um período significativo da história da humanidade ou do génio criador; estar associado a eventos de significado universal; seja testemunho de uma tradição cultural ou de uma partilha cultural; possuir beleza natural ou identificar estádios da evolução terrestre e ser habitat de espécies incomuns, demonstrando assinalável diversidade biológica.

Afirmou, no seu blogue “Duas ou Três Coisas”, que o “Estado português, que tem como responsabilidade gerir a nossa imagem e os nossos interesses junto das entidades internacionais, tem a estrita obrigação de ser muito seletivo naquilo em que vai comprometer o nome de Portugal.”

É indiscutível que cabe ao Estado coordenar, supervisionar e caucionar o conjunto de cada processo de candidatura às listas do Património Mundial ou Imaterial da UNESCO. Ainda que não caiba obrigatoriamente, ou sempre, aos órgãos centrais do Estado promover candidaturas deste tipo – até porque as autarquias e a própria sociedade civil têm aqui não só o direito, mas a responsabilidade de identificar tudo quanto mereça salvaguarda a vários níveis e não só ao nível

da UNESCO – é, contudo, o Estado que deve estabelecer a prioridade dos processos de reconhecimento internacional do património nacional.

E como se deve proceder essa seleção?

Através do respeito pela letra e pelo espírito da Convenção para a Proteção do Património Mundial Cultural e Natural. É a Convenção de 1972 que estabelece os critérios a respeitar na seleção de um bem como elegível para Património Mundial. Esses critérios são basicamente o da excecionalidade universal do ponto de vista histórico, artístico, científico, estético ou de conservação da natureza. E, como é óbvio, o Estado só deve comprometer o nome do país quando, no seu exclusivo critério, considere que os bens a qualificar preenchem um conjunto de requisitos. Além disso, o Estado estabelece também juízos de oportunidade, em função da existência de outras candidaturas e da ponderação dos diversos processos de mobilização diplomática que entende manter em curso. Quero com isto dizer – e convém que isto fique muito claro – que, se a propositura de uma candidatura é livre, a sua promoção no quadro da UNESCO fica dependente do interesse que o Estado lhe reconheça. É bom que isto se saiba, para evitar equívocos.

Houve algum caso em que tenham sido levantadas reações menos compreensivas, após “rejeição” de candidatura?

Até agora não creio que tal tenha ocorrido, até porque não me lembro de uma candidatura portuguesa que tivesse sido rejeitada. Algumas foram apresentadas no passado e, a dado momento, as autoridades portuguesas responsáveis entenderam que o processo deveria ser suspenso, a fim de aperfeiçoar as candidaturas. A UNESCO tem toda a compreensão para situações destas, até porque lhe interessa pugnar por uma Lista do Património Mundial credível na perspetiva da sua excecionalidade. Aliás, as entidades portuguesas envolvidas nos processos de candidatura devem ser – e têm revelado sê-lo – os garantes primeiros desta preocupação.

As diversas classificações a Património Mundial constituem mais do que um valor meramente simbólico? Naturalmente. O prestígio de pouco nos vale se não estiver intimamente associado, fundado e perspetivado no orgulho que temos no que nos pertence e queremos partilhar com os outros e com as gerações futuras; na conservação do que criámos, no exemplo da nossa capacidade criativa, no uso prático (por exemplo, turístico) que passamos a dar aos bens, no envolvimento direto das populações na sua gestão. Tudo isto, como vê, vai muito para lá do meramente simbólico.

Considera que há, de facto, uma maior e mais permanente vigilância perante o “bem” em causa?

O Estado português, após – e, em rigor, mesmo antes – a inscrição de um bem como Património Mundial passa a ter em relação a ele responsabilidades acrescidas, já não somente nacionais, mas internacionais. É toda a comunidade internacional que passa a dispor do direito de vigilância sobre a conservação e a boa gestão do mesmo. Portanto, mesmo que o Estado onde o bem se situa não respeite as suas obrigações nesta matéria, a UNESCO fá-lo, através do Comité do Património Mundial, onde estão representados os Estados, e dos órgãos consultivos do Centro do Património Mundial, especialmente o ICOMOS (Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios) e o IUCN (União Internacional para a Conservação da Natureza). Portanto, dum modo ou doutro, o bem em causa fica efetivamente mais protegido. E, depois, há como que uma “espada de Dâmocles” sobre as entidades às quais compete zelar pela adequada conservação do bem e, em última análise, sobre o Estado: a atribuição do galardão “Património Mundial” não é eterna nem está absolutamente garantida: se o Estado mostrar que a não merece, a UNESCO retira-a; se não estiverem asseguradas as condições de conservação do bem e forem graves as violações dos compromissos quanto à sua gestão, o Comité do Património Mundial pode decidir “riscar” o bem da Lista. Já aconteceu. Felizmente não com o nosso país.

Património, Turismo e Desenvolvimento são uma trilogia inseparável ou são “caminhos nem sempre paralelos”?

Têm de ser inseparáveis. Só assim está garantida a coerência da ação e a subsistência e permanência do património. O património só pode ser entendido enquanto útil, enquanto puder ser usado, de forma sustentável, é certo, e garantida a sua integridade e autenticidade, mas tem que ser usufruído e tem de fazer sentido para as pessoas de hoje e para as de amanhã.

Há algum caso “prático” em que isso seja visível?

O caso do Alto Douro Vinhateiro. Não o quero repetir à saciedade, mas as minhas origens estão aí, a minha ligação pessoal a este bem é muito forte e o caso é exemplificativo. O Alto Douro Vinhateiro está inscrito há vários anos na Lista do Património Mundial; todos os anos é visitado por uma imensidão de turistas portugueses e estrangeiros; pelas margens do rio estendem-se milhares e milhares de hectares de vinhas, tratadas com técnicas modernas e o vinho que aí se faz é produzido através de métodos que são o *state of the art* de vinificação, sendo exportados para todo o mundo. Mesmo no curso do rio, vemos, nos dias de

hoje, muitos barcos que o cruzam e permitem a quem descobre a região ter acesso de um modo confortável que os antigos barcos rabelos não autorizavam... E com menos sustos ou percalços! Por outro lado, veja-se os atuais e os futuros empreendimentos hidro-elétricos no curso do Douro ou de alguns dos seus afluentes. Controvérsias à parte, nomeadamente as últimas sobre a barragem da foz do rio Tua, assistimos a uma situação exemplar: produzir energia limpa, criar emprego e riqueza, aumentar o potencial turístico e preservar a paisagem e o meio ambiente. Respeitados os critérios de uma intervenção responsável, sustentável, promover o desenvolvimento nas suas diversas facetas é compatível com a promoção do património. Não sou eu que o digo: é a UNESCO!

Fernanda Cravidão afirma que “o património material e imaterial é, hoje, na economia global, um dos poucos caminhos que permite encontrar o diferente”. Concorda?

Não sei se é um dos poucos, mas é seguramente um dos mais promissores. Em Portugal e no mundo. Especule-se um pouco sobre o potencial turístico, de criação de indústrias e artesanato cultural, de promoção de eventos desportivos que se podem desenharr à volta do património e ver-se-á que este é um domínio onde existem muitas opções de natureza económica a descobrir.

O “CASO” DA CANDIDATURA DA UC

Por que razões se deve considerar a UC Património?

Coimbra teve uma das primeiras universidades na Europa e, desde sempre, uma das mais consagradas e prestigiadas. Por outro lado, a Alta e a Sofia - não esqueçamos que a candidatura engloba também expressamente estas zonas - são locais com uma ligação física e espiritual intensíssima à vida académica. A Universidade, a Alta e a Sofia são elementos patrimoniais de uma riqueza arquitetural, cultural e simbólica única. A sua esperada futura consagração como Património da Humanidade parece-me a todos os títulos merecida. A UC tem sido, desde há séculos, um marco na produção de conhecimentos, no intercâmbio de ideias e na afirmação do pensamento. Paralelamente, não devemos esquecer o papel fundador da Universidade na criação e no enriquecimento da língua portuguesa. Ou até em marcos históricos ligados à consolidação jurídica da nacionalidade portuguesa. Estes elementos, aliados à qualidade da traça



50

RL #36 | AO LARGO
ENTREVISTA

arquitetónica dos edifícios da Universidade e à preservação do conjunto urbanístico do emaranhado de ruas que constituem a Alta e a Sofia e a imaterialidade associada à vida académica de séculos dão à UC um cunho único que merece ser distinguido e, sobretudo, preservado com o maior rigor e empenho.

Esta candidatura é, também, a da cidade de Coimbra (e não só a de um monumento identitário)?

Não. Temos que ser claros: ainda que algum do pres-tígio da futura consagração venha a recair sobre a cidade de Coimbra, o que será Património Mundial será somente a Universidade, a Alta e a Sofia.

A Universidade e a cidade; a Universidade e a Alta; a Universidade e as pessoas: de que modo a Universidade ser considerada património pode alterar ou não a sua relação com os contextos diversos em que se insere – material e imaterial?

A primeira preocupação neste contexto afigura-se-me que deve ser a de preservar a identidade e a autenticidade não só do bem, mas do ambiente, das vivências, da espiritualidade intrínseca a um local de saber, de camaradagem, de tradição histórica, cultural, jurídica e política, e também de habitação, de pequeno comércio, da vida humana de todos os dias. Julgo, pois, em primeiro lugar, que a sã convivialidade entre quem usa a Universidade e os bairros não deve sofrer influências exógenas, forçadas e contranatura, que alterem o padrão social que lhe confere identidade e os singulariza. Parece-me essencial que este núcleo de vivência seja preservado e que tudo se faça nesse sentido, pois corresponde a uma certa “alma” de Coimbra. Não signífico com isto que outras realidades menos louváveis não possam encontrar na renovação do estatuto internacional da Universidade e da cidade uma oportunidade para se diluírem e assim se marcar o distanciamento de Coimbra em relação a ambientes e mecanismos relacionais cuja atualidade se perdeu já.

As alterações na zona candidata, nestes séculos de História que já carrega, foram diversas e frequentes. Ser considerado Património significa que se vai manter como se apresenta na atualidade?

Significa sobretudo que a autenticidade do bem não pode sofrer alterações que a adulterem e a transformem em algo que deixará de corresponder à sua identidade, à identidade que foi sendo construída ao longo de séculos. Há, assim, um valor plástico que ficará inevitavelmente cristalizado. No entanto, essa cristalização não implica que não se toque nos edifícios e monumentos. Pelo contrário. Há, logo à partida, a necessidade de adequadamente conservar o património protegido, impedindo ou recuperando

quaisquer degradações e promovendo a utilização de boas técnicas de beneficiação. Em seguida, sendo respeitados os critérios definidos pelo ICOMOS e pelo ICCROM (Centro Internacional para o Estudo da Preservação e Restauo da Propriedade Cultural), é possível configurar e dar uso diferente a determinados espaços protegidos, salvaguardando sempre a sua identidade e aspeto característicos. Neste último caso, é indispensável envolver antecipadamente o ICOMOS, o ICCROM e o Centro do Património Mundial nesse tipo de trabalhos e obras. Esta é uma recomendação de enorme importância.

Se Património tem de deixar que a UC continue a ser um sítio para quem dela faz uso, sublinhando sempre que a maior riqueza não é a sua parte imaterial, qual é, então, a importância da sua reinvenção?

Afigura-se-me que o património material e o imaterial são indissociáveis na maior parte das vezes. No que está em apreciação em Coimbra, este postulado assume ainda maior relevância. Não são só as colunas, as salas, os claustros, a Biblioteca Joanina, a fachada das casas modestas do Beco da Carqueja ou dos palácios da Couraça dos Apóstolos. É o espírito que habita dentro dessas pedras, o pensamento genial a par dos gestos simples da vida de família. A reinvenção faz-se continuamente, todos os dias, por parte de todos os que vivem em Coimbra. Coimbra não precisou da classificação como Património Mundial para crescer em corpo e alma, para se adaptar, para se reinventar ao longo dos séculos. Se esta classificação pode ajudar – atenção!, ajudar somente - a abrir novos horizontes à cidade e à Universidade, o gesto principal terá que vir dos conimbricenses e da sua capacidade renovada de aproveitar e forjar oportunidades para o aperfeiçoamento moral e o embelezamento permanente da sua cidade e a melhoria do bem-estar humano.

“Não importa que se trate de um centro histórico relevante ou de um pequeno lugar onde a práticas culturais perduram memórias. O que importa é a sua reinvenção para ser visitado.” (Fernanda Cravidão) O objetivo turístico é o grande catalisador de uma candidatura a Património?

Não deve ser e acredito que, na maior parte das vezes, não é. Um local é Património Mundial porque merece sê-lo, porque tem qualidades para isso e porque merece ser preservado para as gerações futuras e não porque temos outros motivos, mesquinhos ou nobres, para fazer dessa classificação um simples meio para atingir outros fins. O desenvolvimento que traz o turismo responsável, sustentável, é e deve ser uma consequência – ainda que antecipada e expectável – da classificação como Património Mundial, mas jamais deverá ser o catalisador.

Em caso de atribuição de fundos que advenham da implementação do projeto UNESCO, como serão, efetivamente, aplicados?

A UNESCO não atribui quaisquer fundos a bens do Património Mundial, a não ser em casos muito excecionais, quando estão em causa necessidades de “salvaguada urgente”, como se diz em terminologia da UNESCO. Esses fundos para salvaguada urgente provêm não da UNESCO, mas de um fundo especial alimentado por todos os Estados Membros. Assim, quaisquer fundos necessários para o trabalho de conservação e melhoramento permanentes do bem, quando e se vier a ser Património Mundial, terão de provir das várias instâncias do Estado (Universidade, autarquia, S. E. da Cultura) ou de eventuais mecenas. Que ninguém tenha ilusões: desta eventual classificação não vão resultar necessariamente mundos... e fundos!

Pensa que a classificação da Universidade através da Unesco poderá recolocar Coimbra enquanto capital simbólica do ensino universitário em Portugal?

Antes de mais, considero que, se e quando a UC, a Alta e a Sofia vierem a fazer parte da Lista do Património Mundial, tal facto representará o reconhecimento da excecionalidade de um património monumental e cultural que é o coimbrão. Será – já o disse e repito-o - o reconhecimento da singular natureza de um bem único no mundo, algo que merece ser contemplado, vivido e usufruído pela humanidade, um bem que torna quem o aprecia interiormente mais rico. Tal contribuirá, do mesmo passo, para evidenciar mais ainda a particularidade e a ancestralidade da cultura portuguesa *lato sensu*. Depois, podemos imaginar o reflexo que essa consagração poderá e deverá ter no aprofundamento de trabalhos de investigação científica, cultural, arqueológica, etc., que normalmente decorrem de um interesse acrescido que passa a devotar-se a um determinado assunto que ganhou relevo. Acrescentemos a quanto fica dito a responsabilidade, por um lado, e a oportunidade, por outro, dos responsáveis por uma Universidade e uma cidade que se torna ainda mais foco de atenção internacional. A classificação como bem do Património Mundial dará inequivocamente a Coimbra uma valiosíssima oportunidade para melhor potenciar o prestígio e o crédito científico e cultural da UC.

“A candidatura da Coimbra universitária a Património da Humanidade é ambiciosa e só assim terá sucesso, perante os apertados critérios da UNESCO. A Câmara Municipal de Coimbra está com a Universidade desde a primeira hora no sentido de se chegar ao desejado estatuto de proteção, pois importa “recuperar o tecido

medieval urbano da Alta e Baixa da cidade” (in Jornal de Notícias, 22 de janeiro de 2008). Tendo em conta todo o Património que Coimbra integra, pensa que poderia ser ainda mais ambiciosa?

As entidades que promoveram a candidatura de Coimbra procederam bem, na minha opinião, ao limitarem o alcance geográfico do bem que pretendem classificar. Se, mais tarde for considerado que existem condições e é desejável alargar a abrangência do bem, a UNESCO estará aberta a essa possibilidade, cumpridos os critérios exigíveis. Penoso seria que inscrevéssemos um bem desmesurado e, posteriormente, a UNESCO nos obrigasse a reduzi-lo, a circunscrevê-lo, por maní-festa incapacidade nossa de convenientemente o gerir e proteger.

Vencer esta candidatura é ganhar uma “identidade/marca Coimbra”?

Coimbra tem uma identidade própria ganha e consolidada há já muitos séculos. Uma identidade histórica, cultural e social que, sendo naturalmente enriquecida com a distinção da elevação a património mundial, nada fica a dever a essa distinção, a não ser, claro, a responsabilidade de tudo fazer em termos de conservação e proteção para justificar o galardão e oferecer aos conimbricenses, a Portugal e ao mundo a possibilidade de beneficiarem da contemplação de um património extraordinário e único. Será talvez esta satisfação acrescida que poderá passar a enriquecer a identidade coimbrã.

54

RL #36 | AO LARGO
RETRATO DE CORPO INTEIRO
CARLOS SERRA

ENTRE OS ESPAÇOS E AS HISTÓRIAS
MARTA POIARES





Se os olhos são o espelho da alma, Carlos Serra é a voz da Universidade de Coimbra [UC]. Para muitos, chegados dos quatro cantos do mundo, ou até para alguns que, diariamente, se movem nela, é este o primeiro olhar falado, de corpo e alma, que têm sobre a UC.

Nascido em Coimbra, no ano de 1951, Carlos Serra fez todo o seu percurso académico na cidade dos estudantes. Por comodismo? Nunca. “Foi uma escolha. A ligação afetiva à UC já era anterior”. Ora vejamos. Carlos andava, ainda, no antigo Liceu D. João III, e já era visita assídua da Associação Académica de Coimbra (AAC): “Frequentava, com alguma assiduidade, a biblioteca da Fundação Gulbenkian que lá estava integrada. Ia lá buscar livros com regularidade”, conta.

Essas palavras de que não abdicava, de forma regular e quase sôfrega, não eram, apenas, centradas no âmbito da História ou da investigação. A sede de leitura abrangia outros mares, como a Literatura e as Artes.

Mais tarde, Carlos Serra teve uma passagem um pouco efémera pela Secção de Fotografia, e chegou, também, a ser sócio da própria Associação Académica do Futebol. Onde quer que estivessem marcadas as tradições académicas, por lá passava Carlos Serra – até o próprio Código da Praxe chegou a ler com alguma atenção. Procurava, sobretudo, chegar ao que estava por detrás, à origem, à resposta.

Quando não as encontrava, criava as suas hipóteses, construindo a sua própria sabedoria, método que ainda não largou: “Foi o que continuei a fazer ao longo dos tempos. Construí um modelo teórico que, se calhar, é um modelo um bocado subjectivo. Nós, no fundo, interpretamos as coisas à nossa maneira”, explica.

De maneira mais objetiva, e um

tanto ou quanto precoce, entrou na Faculdade de Letras, curso de História, no pré-revolucionário ano de 1968. Foi entrar a matar: “Era o mais novo e logo no meu primeiro ano, defrontei-me com aquilo. E, claro, não poderia ter deixado de me marcar, como vivência”. No terceiro ano, teve o primeiro e único desaire da sua vida académica. Mas o mais curioso foi ter sido numa prova... Oral. Carlos Serra nem sempre teve vida na voz: “Não falava, respondia muito secamente ao que o professor perguntava e calava-me (risos). Era muito tímido, o que não me favorecia”, relembra.

Este pequeno tropeçar académico revelou-se, apesar de tudo, demasiado marcante. Para Carlos, de feitio perentório, foi um sinal nítido de que havia qualquer coisa que não estava bem; uma espécie de alerta nas entrelinhas. “As coisas tinham de mudar. Resolvi interromper o curso e fazer o serviço militar”, diz.

De génio muito pouco cansado, parado era impossível ficar. Durante algum tempo, ainda trabalhou na pequena empresa do pai, mas assim que conseguiu, foi fazer o serviço militar. A data, essa, não poderia deixar de ser significativa: no dia 22 de Abril de 1974, dá entrada na Escola Prática de Infantaria, em Mafra. “Há um certo apelo do acontecimento, sim”, ri-se. Depois, como não seria dos piores, acabei por fazer todo o resto do serviço militar aqui em Coimbra. Voltei à faculdade e nunca fiz uma única cadeira ao abrigo do serviço militar. Uma cadeira sequer”.

Do seu percurso académico, não esquece um professor e uma cadeira. O professor era Luís de Albuquerque e lecionava História da Ciência: “Achei que era uma oportunidade única. Então, claro, inscrevi-me na cadeira e fi-la com grande gosto. Nessa altura, pude, até, conviver um pouco com ele. Estabeleceu-se uma

certa cumplicidade”. A cadeira centrava-se na História da Cidade de Coimbra e ainda existe, mas noutros moldes. Na altura, era lecionada por 15 professores de áreas completamente distintas: “Foram chamados os mais diversos especialistas, cada um para falar de determinante tema. Achei isso fascinante. Finalmente, estava a ter uma cadeira universitária. Aquilo correspondia um pouco àquele conceito, talvez um pouco nebuloso, do que era o ensino universitário. O ensino superior era aquilo. As diversas abordagens, as perspectivas diferentes, o discurso diferente”. Inspirado, e ainda antes de concluir o curso, Carlos Serra decidiu fazer o curso de guia intérprete. Na altura, organizavam-se esporadicamente, quando havia necessidade: “Foi um curso bastante especial, na medida em que quase todo o corpo docente era constituído por professores da UC. Foi um curso de luxo, nesse aspecto, e tinha meios. Durou dois anos”. Concomitantemente, na UC, depois de algumas experiências mal sucedidas, vincou-se a necessidade de alguém experiente, habilitado, que pudesse desempenhar as visitas oficiais.

O curso estava a acabar, nessa altura, e foi pedido a um dos professores que indicasse um aluno. Carlos Serra foi o escolhido.

A estreia absoluta como guia, e apesar de ter alguma experiência no âmbito do curso, “não correu mal de todo”. Nesta altura, as visitas oficiais à UC sucediam-se a uma enorme cadência. Durante algum tempo, por exemplo, o Ministério dos Negócios Estrangeiros, a Assembleia da República, o Supremo Tribunal de Justiça, e outras instituições sediadas em Lisboa, incluíam a visita a Coimbra, num programa quase regular. “Eu e os deputados que faziam parte da Comissão de

Relações Exteriores, enfim, já éramos conhecidos!” (risos). Hoje em dias as coisas estão diferentes: “Nessa altura, tínhamos um reitor que era particularmente dotado para as relações públicas. Era uma pessoa que recebia as pessoas com inteira naturalidade, simpatia e cortesia. Aliás, quando esse reitor deixou funções, fiz questão de, de certa maneira, lhe apresentar cumprimentos de despedida, mas, sobretudo, de lhe agradecer. Daí que, quando acabei o curso, lhe falei de ficar com este lugar. A resposta foi imediata e positiva”.

Na memória, vai guardando momentos especiais e alguns insólitos. Recordar-se de todas as visitas de Mário Soares que se revelaram, de uma forma plural, palcos de momentos caricatos. Fui numa delas, até, que a voz de Carlos Serra parou, por momentos, perplexa: “No início de uma visita de Pierre Mauroy, na Sala dos Capelos, estava a explicar que a Universidade começa em Lisboa, depois vem para Coimbra, etc., e o Doutor Mário Soares estava a ouvir aquilo com incredulidade. Na primeira oportunidade de silêncio, diz ele: “Oh, senhor doutor, não me diga isso!”. Fiquei perplexo. Mas, claro, tinha de continuar (risos)”. Carlos Serra “guia-nos” há mais de duas décadas, mas diz não se cansar. Há sempre perguntas para responder ou histórias por descobrir nos (re)cantos que conhece de trás para a frente. “Vivo muito das reacções

das pessoas, e a essa é sempre diferente. Há pessoas para quem a rotina é uma coisa desgraçada, que quase as inibe. Eu não”, garante.

No passado, quando lhe perguntaram qual o espaço da UC que mais o fascinava, fraquejou na resposta, por ter uma ligação natural com todos eles. A prisão, referência habitual neste contexto, é apenas o espaço cuja História influencia mais o discurso factual: “Nós, hoje, entramos naquele espaço sem perceber que, no fundo, era um espaço de privação da liberdade. Chegava a comover-me com as histórias que referia, em relação à prisão”. Carlos Serra, apesar de inicialmente achar que um bom guia era aquele cuja isenção era intocável, aprendeu, assim, a pôr a razão de lado e o coração no topo das histórias. Deve ser assim, “pelo menos, se a comoção for autêntica. As pessoas gostam desse lado afetivo, ajuda a guardar uma memória.”

E foi precisamente para guardar memórias académicas, que foi inaugurado o Museu Académico de Coimbra, nas instalações que desde então ocupa no Colégio de São Jerónimo, a 11 de Dezembro de 1987. Carlos Serra, homem da universidade, esteve, como não poderia deixar de ser, nos seus primeiros passos. Fez parte da Comissão Diretiva, como representante da reitoria, saiu, e, agora, regressou. Mesmo quando esteve ausente, acompanhou de perto o crescimento

do Museu, que teve como diretor, até à sua morte, Teixeira dos Santos: “No fundo, nós os dois, tínhamos uma actuação mais regular e mais consistente. Fomos permanecendo, também, enquanto a representação estudantil mudava, praticamente, todos os anos”. Pouco tempo antes do falecimento de Teixeira Santos, “que teve a noção perfeita de que ia morrer”, houve uma aceleração de projetos do Museu e um “aviso” honrado a Carlos Serra: “Disse que me preparasse, porque eu é que tinha de deitar mão àquilo”, conta. O desafio chegou, de forma agridoce, mais cedo do que esperava. Após a inauguração da exposição temporária “A AAC e a 1ª Taça de Portugal”, em Maio deste ano, Carlos Serra tomou conta da casa. Inicialmente, pensou em declinar o convite, por comodismo ou humildade, mas logo depois, de forma quase instintiva, pensou que “não tinha esse direito. Quer dizer, estaria a contribuir para comprometer a continuidade desta casa e este museu está longe de ter desenvolvido as suas potencialidades”.

Apesar da temeridade que revela em tudo o que faz, não considera este o seu projeto, mas sim um fruto coletivo: “Não sou eu que vou concretizar um projeto; será uma equipa que irá tentar desenvolver as tais potencialidades deste museu”.

Os meios não abundam e a jornada avista-se longa, mas a vontade, na voz da UC, Carlos Serra, falará sempre mais alto.





Parede da República Prá-Kys-Tão - foto: Henrique Patrício

VULTOS DA ETERNIDADE

60

RL #36 | AO LARGO
CRÓNICA

GABRIEL BRANDÃO *

O calor me fazia lembrar de minha terra natal. Se fechasse os olhos poderia ainda sentir a alma do Brasil neste ar quente e hospitaleiro. Impelido pelo meu instinto boêmio, caminhava de madrugada por entre as ruelas de Coimbra a contemplar os casarões, os monumentos e alguns estudantes que passavam ao longe, com suas vestimentas típicas. Sentei-me num canto da praça D.Dinis, enquanto fumava um cigarro. A fumaça subia, ondulava no ar e, junto com ela, via a monumental estátua, porém menos rígida, de certa forma fluida... Ondulava, também, num misto de passado e futuro, característica da cidade. Contemplava vultos de pessoas que se foram e outras que ainda estão por vir. Via, também, os primeiros estudantes, os primeiros sábios, os primeiros professores. Via vultos de tempos em que minha terra ainda jazia oculta na distante América. O espírito ousado dessa cidade só veio a reforçar a minha fé de que aquele que se aventura nos deleites e nos escuros labirintos do pensamento tudo pode e tudo quer. A ousadia é apenas um sinal externo dessa empreitada íntima. Uma terra que ousou lançar luz sobre uma Europa ainda em trevas, sempre pioneira e, paradoxalmente, sempre tradicional. Em cada toga que passava apressada por mim, distinguia em seu negro mais do que aquilo que um olhar desatento veria. Podia sentir e vivenciar sinas do passado a conversar comigo, como se ainda existissem. O negro da toga se fundia com o céu escuro e suas estrelas eram como seu passado longínquo, sempre a brilhar, eternas máquinas do tempo, retrato de uma luz antiga que nunca cessa de existir.

Cansado de devaneios, desci as escada. Já era bem tarde, mas alguns jovens ainda faziam barulho num lugar distante. Ouvia vozes como numa torre de Babel moderna, via conviverem em paz culturas das mais variadas e isso me fazia ter esperança num mundo de harmonia, infelizmente, ainda tão distante... Coimbra é, assim, um misto de utopia e racionalidade, essência de toda alma poética.

Fui à Praça da República, mas antes pude observar uma bela muralha medieval - tinha um aspecto meio árabe, meio europeu, o mesmo que pude perceber nas peles douradas e cabelos ondulados das belas mulheres que conheci aqui... Uma cidade cosmopolita desde sua gênese.

Finalmente, quando deitei em minha cama, senti que ao passar por aqui, eu também me eternizava. Mais um vulto nessa cidade, ponto de parada obrigatório da estrada da humanidade.

* Estudante de mobilidade, da Universidade Federal de Juíz de Fora, Brasil.

UM PUNHADO DE MEDOS CARLOS PORTELA*

Tento apanhar com os dedos alguns pêlos trilhados entre as peles do meu umbigo. Trago cinco, que estudo durante três ou quatro segundos e que cheiro antes de sacudi-los. Cheiram a tempo. Como posso determinar assim, levemente, o odor do tempo, pergunto-me enquanto tento caçar os pêlos mais fundos, mas o fundo do meu umbigo é demasiado exíguo. Socorro-me de uma pinça. Aí estão eles, saco-os em duas investidas e sopro-os para o chão. De seguida, pego num cotonete, que encharco em álcool e esfrego no umbigo. Não dói, nem arde, só faz impressão. Impressiono-me sempre que esgravato este buraco inútil. Pego noutra cotonete e, continuando a minha higiene, enfio-o no ouvido esquerdo, primeiro com cuidado, superficialmente, para logo depois, por não conseguir resistir à tentação, empurrá-lo pelo conduto auditivo até sentir que algo o impede de progredir em profundidade. É o meu cérebro. Está húmido lá dentro, ouço-o com nitidez. No fundo, eu sei que não se trata do cérebro, não sou ingénuo, no máximo, a cabeça do cotonete alcança o tímpano, mas

quero acreditar que posso aceder-lhe com esta facilidade. É como se um homem religioso, esticando o braço verticalmente o mais que pode, e chegando, no máximo, ao candeeiro da sala, acreditasse poder alcançar as vestes ou até um dos pés do todo-poderoso. Pois eu imagino que alcanço o cérebro espetando um cotonete no ouvido. É a forma que tenho de extrair dele algum gozo. Rodo o cotonete, e só não solto um gemido porque a minha satisfação é meramente mental. É assim que me vingo dele. Mas não penso sequer em feri-lo, pelo contrário, evito-o a todo o custo. Acrescentar lesões cerebrais, mesmo que imaginárias, aos distúrbios mentais e psicológicos que possuo é algo que dispenso. Há vários dias que oiço um grilo cantar sem conseguir determinar de que divisão da casa parte o seu trilar. A verdade é que começa a incomodar-me. A princípio achava piada, um grilo num apartamento tem a sua piada, mas agora estou a ponto de o comer grelhado. Inevitavelmente, na noite passada, sonhei com um grilo mecânico: entrou-me no quarto e comeu-me. Mas servir-lhe

de refeição, descer pelo seu corpo metálico, foi até bastante divertido quando comparado com o calor e com os ruídos que ecoavam no seu interior – talvez provocados pelo ranger dos seus membros mecânicos. Às escuras, e encharcado em suor, bati nas paredes e pedi socorro. Mas quanto mais me mexia, quanto mais batia, mais o volume dos ruídos aumentava. A determinada altura o meu cárcere tornou-se infinito e, atormentado e exausto, deitei-me à espera que a surdez ou a loucura me salvassem. Não é que o grilo, por si só, me esteja a pôr louco, qualquer distúrbio mental e psicológico que tenho pré-existem ao seu aparecimento, mas incomoda-me que invadam a minha casa, incomoda-me que se escondam e que me torturem, fazendo-me andar de um lado para o outro a espreitar debaixo da cama, do sofá, dos móveis, das almofadas, a procurar na roupa do armário, na roupa suja, nos baús, atrás do frigorífico, do fogão. Já por diversas vezes aspirei integralmente a casa, todos os recantos, o tecto, as janelas e nada, o grilo continua a cantar e o som continua a chegar-me de todo o lado. Há ainda a possibilidade de o grilo estar no interior de uma das paredes, mas ainda não me atrevi a pegar na marreta. De vez em quando, ele pára, dá-me umas horas de descanso, mas quando menos espero, volta. Como foi parar a minha casa este grilo, não sei. Talvez na roupa de alguém. Mas quem. Há meses que ninguém me visita, e eu raramente saio à rua. Resta-me admitir que o grilo se instalou por vontade própria. Na verdade, preferia que o invasor fosse um rato. A um rato controlá-lo-ia com facilidade. Ouviria os seus guinchos, as suas patas a percorrerem o soalho, o interior das paredes, o interior dos colchões e das almofadas, dos sofás, controlaria com exactidão os seus movimentos. É um inimigo justo, o rato. Não exige mais do que alimento e espaço, e além disso é esperto. Certamente não lhe passaria pela cabeça provocar-me e muito menos torturar-me chiando

horas a fio, atitude que seria contrária aos seus interesses, não só porque eu poderia meter um gato em casa, mas também porque poderia envenená-lo. São inúmeros os raticidas existentes no mercado, e ambos saberíamos disso. Haveria todo o interesse numa coexistência pacífica. Mas ainda não perdi a esperança de expulsar o grilo e de recuperar o curso normal da minha vida. No fundo, e apesar do meu aspecto, sou um optimista. Sou tão optimista que, por vezes, quando o carteiro toca à campainha por causa de uma encomenda ou de uma carta registada, chego a acreditar que, ao abrir a porta, do lado de lá vou encontrar a dona da lavandaria com um filho meu ao colo. Ela tem ar de promíscua, de quem procura nos lençóis e nas calcinhas a privacidade dos clientes, e, apesar de ser consideravelmente mais velha que eu, é, parece-me, ainda fecundável. Mas não é só porque vejo nela uma boa mãe para os meus filhos que lhe entrego os meus lençóis manchados de esperma, a verdade é que ela é bastante desejável, e eu desejo-a, só não sei como dizer-lho. Talvez ela até já o tenha percebido visto que estremeço todo sempre que ela me pisca o olho ou sempre que me faz um carinho no peito quando lhe dou gorjeta. Podia fugir do grilo saindo de casa. Admito. Mas não é uma opção satisfatória. O psicólogo toma a palavra e diz que talvez eu sofra de uma patologia psíquica chamada agorafobia. Mas eu nego, digo-lhe que de facto sofro de vários distúrbios e patologias psíquicos, mas que nunca temi os espaços públicos nem as multidões. Na minha, ainda recente, juventude, lembro-lhe, cheguei mesmo a participar em manifestações estudantis. O mal, continuo, foi ter saído prematuramente do útero da minha mãe. Cá fora, ao contrário do que acontecia lá dentro, sofri privações, houve momentos em que a minha mãe regurgitou para a minha boca apenas a sua fome. Depois seguimos caminhos diferentes. O meu declínio começou, portanto, no momento em que nasci,

não tenho dúvidas. Desde então que vivo com medo de perder a minha vida. Como assim, pergunta o psicólogo, tem medo de morrer. Não, o que tenho é medo de envolver-me em processos burocráticos, respondo, de endividar-me, de contrair uma doença grave, de arranjar um emprego, de cometer uma violação ou um outro crime hediondo se ele se proporcionar, tenho medo de, de alguma forma, perder o meu livre-arbítrio, tenho medo que outros, substituindo-me, sejam donos do meu destino, o burocrata, o agiota, o médico, o patrão, o juiz, o guarda prisional, o amor. Os dois rimos por causa do amor. Eu por puro escárnio. Ele, claramente aterrado pela árdua tarefa que tem pela frente. Mas devo dizer que tem feito um trabalho extraordinário. Pelo menos não se cansa de dizer-me que tenho feito progressos consideráveis. Além disso, ao contrário do que acontecia nas primeiras sessões, agora simpatico com ele. Confio nele. É um dos poucos amigos que tenho, talvez o melhor. É, pelo menos, o mais íntimo.

* Vencedor do Prémio Literário José Luís Peixoto de 2010.

63

RL #36 | AO LARGO
CRIAÇÃO LITERÁRIA

MONUMENTOS MAIS ETERNOS QUE O DURO BRONZE

DELFIN LEÃO *

“Ergui um monumento mais perene do que o bronze”, dizia Horácio, na abertura de um dos seus poemas mais famosos (*Odes*, 3.30). Com esta notável afirmação de arrojo, o poeta latino exprimia, perante o universo presente e futuro dos seus leitores, a confiança no carácter imorredouro da sua obra poética, capaz não apenas de ombrear em importância com a grandeza das pirâmides legadas pelo passado, como ainda de vencer a poalha intensa dos anos e a fuga pressurosa dos tempos vindouros. Um *monumentum* é, por natureza, algo que foi construído para durar e também para fazer recordar. Com os seus 240 anos de existência, a Imprensa da Universidade de Coimbra é, em si mesma, um desses monumentos tangíveis que constituem património da Universidade de Coimbra (UC), mas o seu acervo bibliográfico representa igualmente o legado intangível que renova, em cada leitura, o convívio com outros *monumenta*. É essa dupla natureza que agora se evoca, ao propor uma (re)leitura dos livros que vivem da memória comum da UC e assim lhe dão vida.

* Diretor da Imprensa da Universidade de Coimbra

64

RL #36 | AO LARGO
LUGAR DOS LIVROS

Título: O Poder da Arte. O Estado Novo e a Cidade Universitária de Coimbra
Autor: Nuno Rosmaninho
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção Arquitectura. Coimbra 2006

Título: A Escola de Farmácia de Coimbra (1902-1911)
Autor: João Rui Pita
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coleção Ciências e Culturas. Coimbra 2009

Título: O Órgão Barroco da Capela da Universidade de Coimbra/ The Baroque Organ of the Coimbra University Press
Autores: Joel Canhão, Marco Daniel Duarte
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Documentos. Coimbra 2007.

Título: Academia de Coimbra (1880-1926). Contributo para a sua história.
Autor: Manuel Alberto Carvalho Prata
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Investigação. Coimbra 2002

Título: Imprensa da Universidade de Coimbra. Uma História dentro da História
Coordenadores: Fernando Taveira da Fonseca, José Antunes,

Irene Vaquinhas, Isabel Nobre Vargues, Luís Reis Torgal, Fernando J. Regateiro
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série Investigação. Coimbra 2001.

Título: A Universidade de Coimbra. O Tangível e o Intangível
Coordenadores: José Francisco de Faria Costa, Maria Helena da Cruz Coelho
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra 2009.

Título: A Universidade de Coimbra e o Brasil
Coordenadores: José Pedro Paiva e José Augusto Cardoso Bernardes
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra 2012.

Título: Tesouros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra
Coordenador: A. E. Maia do Amaral
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra 2011.

Título: A Cor do Centro Histórico de Coimbra
Autor: Pedro Providência
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra 2012.



Título: O Mal. Homem culpado, Homem sofrido
Autor: Jérôme Porée.
Tradução: Hugo Barros
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
 Coimbra 2012

Nesta obra, dividida em duas partes, são apresentadas, em primeiro lugar, as soluções metafísicas clássicas para o problema do mal. A tradicional visão cristã do pecado original, a tese que explicava o mal pela ignorância e fraqueza da vontade humana, a ideia de que o mal tinha a sua origem numa vontade perversa ou mesmo indiferente, eis os temas que fundam os quatro capítulos da primeira parte. Aqui todo o mal físico é liminarmente reduzido a mal moral, de acordo com o esquema clássico da retribuição próprio de uma metafísica da ordem. O falhanço deste tipo de metafísica é apresentado a seguir na segunda parte que assinala uma mudança fundamental de método que, correspondendo à crise da metafísica, passa da justificação à descrição do mal. Objectivo que se realiza por meio da introdução de uma fenomenologia da passividade humana. Neste tipo de reflexão é sublinhada a irredutibilidade do mal físico ao mal moral. O sofrimento na raiz do mal é revelado como uma experiência de contraste que desde logo afirma unidade ambígua da revolta e da esperança.

Título: Ouvido, Ondas e Vibrações: aspectos físicos e biofísicos
Autor: J. J. Pedroso de Lima
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra/ Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Coimbra
 Série *Ensino*. Coimbra 2012

Título: A Globalização no Mundo Antigo: do *Polites* ao *Kosmopolites*
Autor: Delfim Ferreira Leão
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
 Série *Investigação*. Coimbra 2012

Título: A Quarta Missão da Universidade
Autores Fernando Seabra Santos e Naomar de Almeida Filho
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra/ Editora da Universidade de Brasília
 Série *Investigação*. Coimbra 2012

Título: Poesia Escolhida de José Jorge Letria
Organização: Teresa Carvalho
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
 Coleção *Li*. Coimbra 2012

Título: Aprofundar a crise. Olhares multidisciplinares.
Coordenação: Alexandre Sá, Ana Teresa Peixinho, Carlos Camponez
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
 Série *Documentos*. Coimbra 2012

Título: Feriados em Portugal. Tempos de memória e de sociabilidade
Autores: Luís Oliveira Andrade e Luís Reis Torgal
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
 Coleção *História Contemporânea*. Coimbra 2012

Título: Goa. Romance.
Autor: Helena Rainho Coelho
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
 Coleção *Li*
 Coimbra 2012

Título: Teoria da Arte no Século xx
Autora: Isabel Nogueira
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
 Série *Ensino*. Coimbra 2012

Título: Eça de Queirós. Riso, Memória e Morte. 2ª edição
Autora: Joana Duarte Bernardes
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
 Série *Investigação*. Coimbra 2012

Título: Uma coisa na ordem das coisas. Estudos para Ofélia Paiva Monteiro.
Coordenação: Carlos Reis, José Augusto Cardoso Bernardes, Maria Helena Santana
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
 Série *Investigação*. Coimbra 2012

Título: A Consciência de um Império. Portugal e o seu mundo (Sécs. xv-xvi)
Autor: Giuseppe Marcocci
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
 Série *Investigação*. Coimbra 2012

Título: Ecos do Mundo Zero. Guia de interpretação de futuros, aliens e ciborgues
Autores: Elsa Rodrigues
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
 Série *Investigação*. Coimbra 2012

Título: SIC ITVR IN VRBEM: Iniciação ao latim
 Autor: Carlos Alberto Louro Fonseca
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
 Série *Ensino*. Coimbra 2012

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA/ANNABLUME

Título: Análise institucional do discurso
Autor: Marlene Guirado
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, Coimbra 2012
Título: Dadá Berlim: des/montagem

Autor: Norval Baitello Jr.
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, Coimbra 2012

Título: A beleza e o mármore: o tratado De Architectura de Vitruvius e o Renascimento
Autor: Mário Henrique D'Agostino
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, Coimbra 2012

Título: Ricardo Severo: arqueologia portuguesa e arquitetura brasileira
 Autor: Joana Mello
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, Coimbra 2012

Título: Língua e realidade
Autor: Vilém Flusser
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, Coimbra 2012

Título: A dúvida
Autor: Vilém Flusser
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, Coimbra 2012

Título: A história do diabo
Autor: Vilém Flusser
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, Coimbra 2012

Título: Universo das imagens técnicas
Autor: Vilém Flusser
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, Coimbra 2012

Título: Vampyroteuthis infernalis
Autor: Vilém Flusser, Louis Bec
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, Coimbra 2012

Título: O corpo: pistas indisciplinadas
Autor: Christine Greiner
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, Coimbra 2012

Título: Antonin Artaud: teatro e ritual
Autor: Cassiano Quilici
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, Coimbra 2012

Título: O discurso da poesia concreta
Autor: Antonio Vicente Pietroforte

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, Coimbra 2012

Título: O livro da capa verde: lei e vida no distrito diamantino (1771)
Autor: Júnia Furtado
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, Coimbra 2012

Título: Platão
Autor: Franco Trabatoni
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, Coimbra 2012

Título: Um paradigma no céu: Platão político, de Aristóteles ao século xx
Autor: Mario Vegetti
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, Coimbra 2012

Título: Ensaio sobre o tempo na filosofia antiga
Autor: Fernando Rey-Puente
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, Coimbra 2012

Título: A potencia da aparência: um estudo sobre o prazer e a sensação nos Diálogos de Platão
Autor: Fernando Muniz
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, Coimbra 2012

Título: A sociologia de Talcot Parsons
Autor: José Maurício Domingues
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, Coimbra 2012

Título: Memória coletiva e teoria social
Autor: Myrian Sepúlveda dos Santos
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, Coimbra 2012

Título: Trabalho imaterial e produção cultural
Autor: Silvio Cesar Camargo
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, Coimbra 2012

Título: O Paganismo em Fernando Pessoa e sua projecção no mundo contemporâneo
Autor: E. M. de Melo e Castro
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, Coimbra 2012

UMA ESPÉCIE DE ARTE

JOÃO ROSA ALEXANDRE *

Sabia que um dia ia acabar por escrever sobre arte. Não que eu seja um grande entendido, mas a arte tem tantos espectros que, sobre alguns tipos, sinto-me confortável para escrever.

Podia começar por dizer que alguém, não sei bem quem, decidiu que havia 11 tipos de arte, sendo eles: Música; Dança/Coreografia; Pintura; Escultura; Teatro; Literatura; Cinema; Fotografia; Banda Desenhada; Jogos de Computador e a Arte Digital.

Porém, apesar destes 11 extensos temas artísticos, aquilo sobre o que escrevo hoje é outro tipo de arte. A “Arte” das ruas, das ruas de Coimbra, da tão *nos*sa Alta Universitária.

Então que tipo de “arte é esta”, tão comum dentro das muralhas da cidade, mas que afinal não é uma arte de verdade? Que tipo de expressão é esta, que para a ver, não necessitamos de comprar bilhete? Nem mesmo de nenhum tipo de formação ou conhecimento específico para a poder apreciar?

Para me explicar, dividirei este tema em três partes.

Escritos de Parede – A parte mais crua deste tipo de “Arte”

Na parte mais nobre da cidade de Coimbra, vemos regularmente este tipo de escritos. Ora são palavras de amor eterno de algum Romeu apaixonado, ora são comentários políticos anticapitalistas que alguém insiste em escrever, ou até mesmo simples pensamentos tornados realidade num qualquer muro.

Street Art (Graffiti/Tags)

Apesar de algo démodé, basta fazermos o trajeto Sé Velha – Faculdade de Direito para vermos em várias paredes as *tags*, ou seja, pura e simplesmente, assinaturas; ou o *bombing*, uma derivação do *graffiti* em que o desenho é muito rudimentar.

Propaganda Política

Parte madrinha da *Arte* que falo, a propaganda política tem-se verificado, sobretudo, através de Murais nas paredes da Rua Padre António Vieira, nas paredes das Faculdades e nas Escadas Monumentais, onde se têm sucedido apelos ao voto e palavras de ordem.

São estas as três partes daquilo a que chamo “Arte de Rua” - não é uma das 11 e, sinceramente, também não penso que deva ser a 12.^a.

É difícil comparar *graffiti* ou até mesmo um “*Não Pagamos*” à atrocidade que fizeram às Escadas Monumentais em Coimbra. Para mim, ambos integram atos de vandalismo e de falta de civismo. Porém, não estaria a ser correto se dissesse que sou contra a *Street Art*; aliás, consigo perceber e encontrar uma espetacularidade de alguns *graffitis*, desde que legalmente feitos e situados em locais autorizados para tal. A ilegalidade associada aos *graffiti* não dignifica, em nada, o que alguns destes pintores fazem na atualidade. Quanto aos dizeres e àquilo que apelidei de “Escritos de Parede”, confesso que não consigo encontrar nenhuma explicação. Escrever o quer que seja numa parede não é senão mais uma forma do “escritor” contrariar as regras

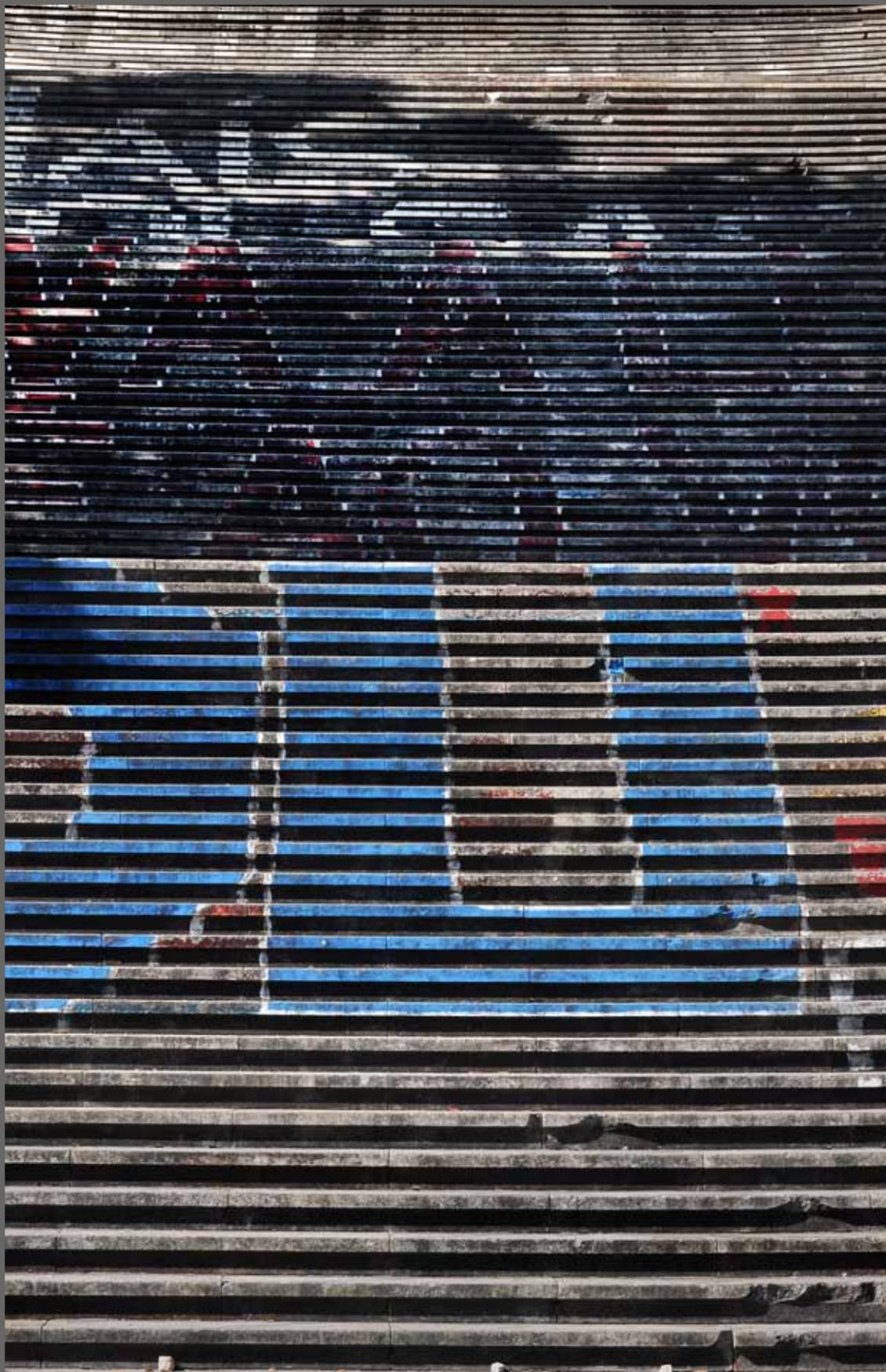
e sentir a adrenalina de fazer algo que não é permitido e que todos vão ver. Por fim, a propaganda política - como os murais e pinturas nas Escadas Monumentais - são um profundo atentado ao civismo. Pintar locais públicos ou privados para fins de apelo ao voto ou mera comemoração partidária é de uma presunção vil. O Ensino Superior não precisa de frases em escadas; precisa, somente, de gente capaz de as subir. Ter feito parte da Revolução de 1974 não faz do partido X dono da liberdade ou todo-poderosos de tudo o que é bem público.

Este sentimento de “donos do mundo” aliado a uma constante colagem dos edifícios da Alta Universitária a obras do Estado Novo é, para estes “artistas”, o tónico para usar e abusar. Os *graffiti* podem até ser uma arte, se feita em locais adequados. Agora, tudo o resto são formas de alguns “artistas” terem a atenção que dizem não precisar. Nada disto é arte. Deixar que isto aconteça e manter impune quem vandaliza uma das zonas mais ricas do nosso País, a todos os níveis, só pode ser um sinal de cobardia.

Um local que se quer Património Mundial da UNESCO não pode ser refém de medos, nem de ideologias políticas. A Universidade de Coimbra e a Alta Universitária precisam de cuidados e de alguém que os preste, de forma urgente e capaz.

*Ex-dirigente da Associação Académica de Coimbra.





AS MONUMENTAIS

COMO MURAL POLÍTICO?

ALEXANDRE LIBÓRIO DIAS PEREIRA*

As Escadas Monumentais podem ser usadas como mural político? Esta questão coloca em confronto dois valores fundamentais: a liberdade de expressão política, por um lado, e a preservação do património universitário do Estado, por outro. Em nossa opinião, as Monumentais devem poder ser usadas como mural político, na medida em que sejam observadas certas condições. Designadamente deverá ser assegurado o pluralismo de expressão política, respeitada a integridade do património, e protegida a segurança dos transeuntes. As reflexões seguintes dirigem-se apenas às Monumentais, tendo em conta a sua origem e evolução enquanto mural da Academia Conimbricense.

Na sua génese, as Escadas Monumentais são um símbolo político. A imponência da escadaria, sublimada por duas enormes esferas no topo, representa o árduo e penoso caminho da formação académica, qual 'teste de resistência' que o estudante universitário deve passar no seu dia-a-dia. E que talvez ajude a compreender a vocação das Monumentais enquanto espaço privilegiado dos protestos estudantis...

Nesta ordem de ideias, proibir os estudantes de usarem as Monumentais como mural político em nome da preservação do património seria como proibir as Serenatas em nome do direito ao sossego!...

Mas quer isto dizer que em princípio deve ser proibido o uso das Monumentais como mural político, só sendo permitido, excepcionalmente, aos estudantes, em respeito pelos seus usos e costumes académicos?

Não nos parece que o uso das monumentais como mural político deva ser privilégio dos estudantes da Universidade de Coimbra (UC). Desde logo porque a Academia não é apenas dos estudantes, já que a compõem também professores, investigadores, funcionários. E se Coimbra é a Cidade dos Estudantes, não é menos verdade que a Academia está ao serviço do País, da Europa, senão mesmo do Mundo – tenha-se em mente a proveniência dos estudantes que procuram Coimbra para obter formação de nível universitário.

Por outro lado, não pode ser desconsiderada a grande aptidão das Monumentais enquanto veículo de manifestações não apenas políticas, mas também artísticas e culturais. Os cinco lances de escadas assemelham-se a cinco auditórios ao ar livre, para teatro, música ou dança. A extensão da escadaria permite a colocação de mensagens políticas ou artísticas dos mais diversos quadrantes, dispensando o recurso a painéis publicitários que pouco beneficiam a paisagem.

Não obstante, parece-nos desejável um serviço de gestão da utilização das monumentais como mural político ou artístico. De modo a assegurar que todos os interessados têm a possibilidade de colocar as suas mensagens, designadamente na forma de pinturas, e para evitar a sua monopolização por um único movimento ou partido. E para verificar se a utilização pretendida é suscetível de danificar a escadaria e/ou de por em risco a integridade física e moral dos caminhantes.

A questão do pluralismo político (ou artístico) é crucial. Afirmar que as pinturas políticas nas Monumentais não as desfiguram nem lhes retiram dignidade enquanto monumento universitário não significa tratar as monumentais como *res nullius* em estado de natureza, suscetíveis de livre apropriação. Deve ser garantido a todos os interessados a possibilidade de fazerem uso das Monumentais como mural político ou artístico mediante registo, com antecedência conveniente, junto de um gabinete da UC. E, eventualmente, poderia ser criada uma taxa moderadora pela utilização das monumentais como mural, mormente pelo licenciamento da sua utilização suporte publicitário. Ao serviço competente pela gestão do espaço caberia ainda controlar a perigosidade da utilização pretendida, de modo a prevenir danos à escadaria e acidentes aos transeuntes.

* Professor Auxiliar da Faculdade de Direito.

cinema cursos/conferências
desporto dança teatro
música crianças livros exposições

agenda7

agenda7.uc.pt



Milhares de estudantes formados pela Universidade de Coimbra, espalhados pelo País e pelo Mundo, nas mais diversas áreas da sociedade, reunidos agora na mesma Rede.

Visite-nos em www.uc.pt/antigos-estudantes

Não deixe de nos contactar, caso necessite de algum esclarecimento adicional, ou para o estabelecimento de futuras colaborações, A/C Dr.^a Isabel Marques:

REDE UC

Rede de Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra
Fundação Cultural da Universidade de Coimbra
Palácio Sacadura Botte
Rua dos Coutinhos, 23
3000-129 Coimbra – Portugal
antigos-estudantes@uc.pt
Tlf: +351 239 853 062